



Departamento de Sociologia

Game-móvel: Da Comunicação ao Entretenimento

As representações e os usos do telemóvel pelas crianças entre os 8 e os 11 anos

Andreia Filipa Xavier Vaz

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:

Doutor Tiago Lapa da Silva, Professor Auxiliar Convidado

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2016

Página em branco

Agradecimentos

Este projeto é o culminar de dois anos de trabalho que só se tornaram possíveis com a ajuda e o apoio incondicional de algumas pessoas a quem deixo de seguida os meus mais sinceros agradecimentos:

Em primeiro lugar, a todas as 10 crianças que concordaram em responder às minhas perguntas sempre com um sorriso e me motivaram ainda mais a levar esta investigação a bom porto. Não posso deixar também de agradecer a todos os pais que confiaram em mim e tão prontamente me ajudaram concedendo-me a oportunidade de conversar com os seus filhos.

Ao professor Tiago Lapa que acompanhou este projeto desde o início. A sua permanente disponibilidade, bem como toda a ajuda e conselhos que me deu, foram fundamentais para que conseguisse chegar até aqui.

A todos os meus amigos que se disponibilizaram a servir de intermediário para que conseguisse concretizar todas as entrevistas que tinha definido. Sem a sua ajuda essencial não teria sido possível concretizar os meus objetivos.

Ao Bruno, pelo apoio e confiança incondicionais. Por todas as vezes em que me incentivou a continuar, a não baixar os braços e olhar em frente.

Por último, mas sem dúvida alguma, aos mais importantes. Aos meus pais, que desde sempre acreditaram em mim e me incentivaram a ser melhor. Ao longo de 17 anos de estudos, não me lembro de um único momento em que não tenham estado presentes quando precisei.

E ainda, à Raquel e à Marta, por todos os incentivos que me foram dando ao longo do tempo e para que tomem isto como exemplo para nunca desistirem dos seus sonhos.

Por tudo e a todos, o meu enorme obrigado!

Resumo

A chegada do século XXI e todas as inovações tecnológicas que surgiram a partir daí trouxeram tanto novas oportunidades como novos desafios às sociedades modernas. A Internet e os novos *media* invadiram o nosso quotidiano de tal forma que já se torna difícil imaginar uma vida sem eles.

Para as crianças que nasceram neste contexto tecnológico, a utilização de dispositivos móveis, como os telemóveis, é visto como algo quase tão natural como a sua própria respiração. Habitados desde sempre às novas tecnologias, os mais novos apropriaram-se destes aparelhos atribuindo-lhes usos e representações diferentes daqueles para os quais haviam sido pensados. No entanto, a ideia de que estamos perante uma nova geração homogénea, que pensa e age da mesma forma, revelou-se demasiado generalista tendo em conta que nem todas as crianças têm as mesmas possibilidades de acesso e uso destes aparelhos.

A fim de perceber de que maneira os telemóveis são vistos e utilizados pelos mais novos e quais as diferenças existentes dentro deste escalão etário, foram realizadas 10 entrevistas a crianças entre os 8 e os 11 anos. Sabendo que nestas idades, as crianças passam por uma mudança de ciclo de ensino, tentou-se também perceber de que forma as alterações dali decorrentes influenciam a forma como as crianças lidam com as tecnologias, em particular com os telemóveis.

Palavras-chave: Telemóvel, Infância, Nativos Digitais, Comunicação, Entretenimento

Abstract

The arrival of the twentieth-first century and all the technological innovations it has brought along provided both new opportunities and new challenges to modern societies. The Internet and the new media sources pervaded our daily lives making it now difficult to imagine a life without them.

For the children who were born in this technological context, the use of mobile devices such as mobile phones, is considered as natural as breathing. Accustomed to these new technologies, this generation took over these devices by using and assigning them different representations from those they were originally thought for. However, believing the we now face a homogeneous younger generation which acts and thinks the exact same way, is actually a hasty assumption as not all children have equal opportunities of accessing and using these devices.

In order to realise how this generation regards and uses mobile phones and which differences exist within this age group, 10 children between the ages of 8 and 11 were interviewed. Knowing that children are subject to a change in their study cycles, I have tried to assess in what ways this new step influence the way they relate to technologies, particularly with mobile phones.

Keywords: Mobile Phone, Childhood, Digital Natives, Communication, Entertainment

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
1. Introdução: nascer na era dos novos media	iv
2. Telemóvel: a chave física para o mundo digital	3
3. Os usos e as representações do telemóvel pelas crianças	10
4. Ouvir a voz dos mais novos – Discussão Metodológica	14
5. As crianças e os telemóveis: semelhanças e diferenças na forma de apropriação das tecnologias.....	18
5.1 Uma geração multifacetada	21
5.2 Autonomia e controlo: o permanente dilema entre pais e filhos.....	25
5.3 Mais do que um acessório, uma parte de mim.....	31
6. Considerações Finais	37
7. Referências Bibliográficas.....	41
ANEXO 1 – Quadro de operacionalização dos conceitos.....	I
ANEXO 2 – Quadro síntese dos entrevistados	I
ANEXO 3 - Guião das entrevistas	II
ANEXO 4 - Grelhas de Análise das Entrevistas	V

Índice de Ilustrações

Figura 3.1 - Modelo de Análise.....	12
Figura 3.2 - Hipóteses de pesquisa.....	13

1. Introdução: nascer na era dos novos media

O aparecimento da Internet e a criação de diversos aparelhos que nos permitem usufruir das redes de ligação, instantâneas e globais, invadiram o nosso quotidiano de formas que ainda hoje não conseguimos compreender. Enquanto os mais velhos, habituados a formas diferentes de comunicação tiveram que adaptar os seus estilos de vida, integrando estas novas tecnologias nas suas rotinas diárias, os mais novos já nasceram num mundo onde a tecnologia é quase tão vulgar como o ar que respiram.

Apesar de alguns autores como Prensky (2001) afirmarem que estamos perante uma nova geração de crianças, cabe-nos tentar perceber se assistimos na realidade ao aparecimento de uma geração homogénea que partilha os mesmos usos e representações relativos às tecnologias. Ou ainda se, por outro lado, embora se distanciem dos adultos na forma de apropriação destes dispositivos haja também uma diferenciação entre as próprias crianças proporcionada por fatores externos.

Deste modo, com a presente dissertação pretende-se investigar a forma de apropriação das novas tecnologias por crianças com idades entre os 8 e os 11 anos. Devido à impossibilidade derivada dos limites de recursos associados à realização de uma dissertação de mestrado, optou-se por centrar a atenção apenas num único dispositivo: o telemóvel. Se há uns anos atrás era muito raro vermos crianças com telemóveis próprios, hoje em dia é cada vez mais vulgar que nos deparemos com esta situação. Bem vistas as coisas, os novos modelos de telemóveis inteligentes, os *smartphones* são a mais fiel representação física das possibilidades que a sociedade em rede nos apresenta e a camada jovem da população portuguesa é aquela que mais faz uso destas funcionalidades (Dias, 2007; Ling e Haddon, 2008). Assim sendo, a nossa investigação tentará responder à seguinte questão de partida: Será que as crianças entre os 8 e os 11 anos têm práticas e representações distintivas em relação ao uso do telemóvel?

A escolha deste dispositivo em detrimento de outros como os *tablets*, por exemplo, prende-se com a sua crescente omnipresença no quotidiano de um cada vez maior número de pessoas. Embora sejam objetos tão comuns, os telemóveis já deixaram de ser simples aparelhos de comunicação. O seu carácter mais pessoal e intimista bem como a privacidade e a exclusividade que proporcionam, levam-nos a encará-los quase como uma parte essencial do corpo humano, sendo já quase impossível imaginar uma vida sem a presença destes pequenos dispositivos.

De maneira a dar início a esta investigação procedeu-se a uma revisão da literatura já existente relativamente a este tema. Apesar de já existirem diversos estudos tanto a nível europeu

(Simões *et al*,2014) como nacional (Cardoso *et al*, 2009b) que se foquem na relação das crianças com esta tecnologia, notámos que a parte simbólica e as representações relativas aos telemóveis têm sido deixadas um pouco de lado. Ou seja, ambos os estudos são quantitativos e têm o seu foco nas práticas e nos usos que as crianças atribuem ao telemóvel, não deixando espaço para que se perceba qual o verdadeiro significado que este dispositivo móvel adquire entre os mais novos. Apercebemo-nos ainda que em ambos os estudos realizados anteriormente em Portugal, as crianças mais novas, isto é, entre os 8 e os 11 ou 12 anos, eram estudadas como um todo, não dando espaço a que se apurasse as possíveis diferenças que pudessem existir entre alunos do 1º e 2ºciclos.

A escolha destas idades torna-se pertinente uma vez que os telemóveis começam, cada vez mais cedo, a fazer parte da vida das crianças. Além disso, estamos a falar de um período de transição em que se assiste a fortes alterações estruturais muito relacionadas com a passagem para um novo ciclo de ensino. Esta mudança pode ser determinante visto que na maioria das vezes acarreta consigo a transferência para uma nova escola que se traduz numa maior distância relativamente aos pais e a casa e onde passam ainda a ter contacto com uma rede de amigos mais alargada. Neste sentido, tentar-se-á perceber qual o reflexo que esta mudança de ciclo poderá vir a ter no uso do telemóvel, comparando ainda os nossos resultados à luz de outras duas variáveis explicativas: o género e o contexto socioeconómico das famílias.

Assim, o principal objetivo deste trabalho será perceber se os fatores já apontados fazem com que a relação das crianças com os telemóveis se altere. A partir das referências teóricas consultadas foi então possível criar um modelo de análise que inclui os conceitos considerados fundamentais a esta investigação como a literacia mediática (Livingstone, 2002) e a noção de “natividade digital” (Prensky, 2001) bem como a sua articulação com as diversas características únicas que fazem do telemóvel uma chave física capaz de nos transportar para o mundo digital, a qualquer hora, onde quer que estejamos. Ao longo desta investigação foi ainda possível apurar de que maneira as diferenças de género, de classe e de ciclo de ensino influenciam a visão das crianças sobre estes aparelhos e ainda quais as formas de domesticação e personalização atribuídas pelos mais novos a um objeto tão comum.

Para que se tornasse possível atingir estes objetivos, seria necessário ouvir a voz das próprias crianças, encarando-as como sujeitos ativos com um papel determinante na forma de apropriação das tecnologias. Assim sendo, optou-se por uma metodologia qualitativa e pela realização de entrevistas individuais a crianças que tivessem o seu próprio telemóvel. Desta forma, foi então possível apurar se existe ou não uma cultura de apropriação coletiva em relação aos chamados novos *media* e, em particular, em relação ao telemóvel.

2. Telemóvel: a chave física para o mundo digital

Com a chegada do novo século chegaram também inúmeras inovações no campo tecnológico que nos levam a afirmar que estamos atualmente a viver numa nova era em que o digital ganhou poder sobre o “real”. Esta afirmação pode parecer estranha mas a realidade é que as nossas rotinas diárias foram sendo cada vez mais inundadas com a presença de aparelhos tecnológicos que nos permitem o acesso à rede digital, de maneira que hoje em dia já se torna extremamente difícil passarmos um único dia sem recorrermos ao uso de um telemóvel, um *tablet* ou um computador com ligação à internet. As experiências “reais” cada vez mais se misturam com as experiências digitais devido às evoluções e às permanentes transformações e incursões dos *media* na nossa vida quotidiana.

Sem incorrer numa lógica demasiado determinista, arriscamo-nos a afirmar que as inovações tecnológicas e as alterações no mundo dos *media* vieram alterar o contexto social em que vivemos, bem como a forma como nos relacionamos uns com os outros e com o que nos rodeia. O aparecimento da chamada era digital trouxe consigo tanto novas possibilidades como novos desafios para todos os indivíduos. Se por um lado, os mais velhos que cresceram ladeados por meios de comunicação mais tradicionais terão agora que se adaptar e adquirir competências que até aqui não eram consideradas necessárias; por outro lado, os mais novos já nasceram no seio deste ambiente em rede e aprenderam a preencher os seus tempos livres com tecnologias que os mantêm permanentemente em contacto com o mundo, fora das paredes das suas casas.

Estas diferenças que se estruturam em torno das diferentes formas de apropriação e uso das novas tecnologias ganharam o nome de *digital divides*. Estas diferenças geracionais colocam pais e filhos em pratos opostos da balança devido a um fator que tem vindo a ser muito trabalhado por investigadores no campo das ciências sociais como é o caso de Livingstone (2003;2004): a literacia mediática ou digital. Este conceito é composto por quatro dimensões: o acesso às tecnologias; a análise dos conteúdos e do que está para além daquilo que os *media* nos querem transmitir; a avaliação e sentido crítico tão inerentes a uma sociedade democrática, diversificada e livre; e ainda a liberdade de criação de conteúdos pelos próprios utilizadores das redes. Baseando-se nestes quatro elementos, esta autora afirma que de maneira a que nos consigamos adaptar a este novo mundo e a esta nova forma de viver altamente mediada pela tecnologia é necessário que se adquiram todas estas competências. Ainda nesta perspetiva, Livingstone (2003) afirma que só através da literacia mediática é que os cidadãos conseguirão participar na vida social e exercer plenamente os seus direitos cívicos. Caso contrário, poderemos mesmo vir a assistir a situações de exclusão social e a situações de estigmatização de indivíduos que darão assim origem a uma nova dimensão de pobreza: a literexclusão (Gomes, 2003).

A apresentação deste conceito é importante pois é relativamente a ele e à forma de aquisição destas novas competências, consideradas essenciais nos dias de hoje, que começaram a aparecer diversos pontos de vista e diversas distinções geracionais. Autores como Tapscott (1997) consideram que estamos perante o aparecimento de uma nova geração totalmente integrada no mundo das novas tecnologias, que desde muito cedo foram socializadas num contexto repleto de aparelhos tecnológicos digitais e por isso já adquirem estas competências de forma inata. A apelidada “Net-Generation” é vista como um todo uniforme composto por indivíduos com um maior sentido crítico, com uma maior ânsia de conhecimento, autoexpressão e criatividade. Respeitadores da diversidade e da democracia distanciam-se geracionalmente dos seus pais e educadores que ainda pertencem à geração da televisão, mais estática, conservadora e centralizada. Segundo Tapscott, as crianças da nova geração aprenderam a integrar de tal maneira as tecnologias na sua vida quotidiana que passaram a considerar este hábito como algo tão comum e natural como a necessidade de respirar (Tapscott, 1997:40). Em suma, para este autor, as gerações são definidas pela presença dos *media* enquanto agentes de socialização e modelos de enquadramento da vida social.

Ainda nesta lógica de distinção geracional e do aparecimento de uma nova geração homogénea composta pelas crianças de hoje em dia, Prensky (2001) apresentou-nos a sua ideia baseada num conceito bastante conhecido. Para si, as crianças são consideradas “Nativos Digitais” devido à elevada capacidade que apresentam para lidar com as novas tecnologias tal como se estas constituíssem as bases para o aparecimento de uma nova cultura e uma nova linguagem. A aquisição desta nova linguagem inata a quem já nasceu na era das novas tecnologias é o que distingue os nativos dos “imigrantes digitais”. Estes últimos, os adultos, são comparados com alguém que parte para outro território e se vê confrontado com novos costumes aos quais se terá que habituar, adquirir novos hábitos e aprender uma nova língua. Tal como os imigrantes, os indivíduos mais velhos terão agora que aprender a lidar com as novas tecnologias, integrá-las nas suas rotinas diárias, adquirir novas competências e literacias, ao mesmo tempo que aprendem a falar a mesma linguagem digital que os seus filhos e netos já dominam totalmente. Mais uma vez, esta perspetiva de separação de gerações atribui demasiada importância à tecnologia como fonte principal das diferenças entre os indivíduos, colocando totalmente o ónus nos *media* sem ter em conta o contexto e as restantes alterações que ocorreram entretanto na sociedade.

Esta última ideia é a base da principal crítica por parte de algumas vozes que se opõem à imagem determinista da tecnologia e dos *media* em geral. Voltando novamente à perspetiva de Livingstone (2002) em relação ao conceito de literacia, esta diz-nos que as mudanças no panorama mediático terão sempre que ser vistas sob um prisma de interligação social. Ou seja, os *media* não existem à revelia da sociedade e por si só não são direta nem unicamente responsáveis por

quaisquer alterações que ocorram neste contexto. Segundo esta corrente de pensamento, as inovações tecnológicas da era digital não foram as únicas responsáveis pela alteração do comportamento dos indivíduos nem pela alteração da forma como as crianças se comportam e como as vemos hoje em dia.

David Buckingham é outro dos autores que apoiam esta ideia de que as inovações tecnológicas só acontecem se o contexto social, económico, político e cultural o permitirem. Para além disso, Buckingham defende a ideia de que a tecnologia por si só não pode ser um fator diferenciador entre gerações. “The benefits of technology will only be realized if we pay attention to the ‘social envelope’ – that is the sets of expectations, contexts and social practices – that surrounds it” (Buckingham, 2002:85) Segundo o seu ponto de vista, é a cultura mediática e a forma de apropriação das tecnologias que distinguem os indivíduos e os aproximam mais de uma filiação geracional do que de outra. Este autor critica também a ideia da existência de uma geração homogénea, afirmando que existem diversos fatores tais como a idade, o sexo e o contexto socioeconómico das famílias que influenciam severamente o tipo de interação que existe entre as crianças e a tecnologia. Ao olharmos para a infância como um reflexo da restante sociedade apercebemo-nos da existência de diversas formas de apropriação e domesticação das novas tecnologias que se traduzem em diferentes culturas mediáticas.

Tanto para Buckingham como para Livingstone, os significados e os usos atribuídos a uma determinada tecnologia podem ser tão variados que é impossível afirmar que todas as crianças agem da mesma forma, ou que todas as crianças têm as mesmas oportunidades de acesso e usufruto dos chamados novos media. O que ambos têm em comum é a ideia de que existe hoje em dia uma distanciação entre os hábitos ou culturas mediáticas de pais e filhos o que pode dar origem a alguns conflitos e alterações no seio familiar.

As crianças de hoje estão permanentemente ligadas à rede e usam-na como uma forma de distanciação e fuga do controlo parental ao mesmo tempo que fortalecem os laços entre pares. As tecnologias são cada vez mais utilizadas como uma forma de manter o contacto com os amigos, transportando para o contexto privado, do qual é exemplo o ambiente familiar, as redes de ligações criadas num contexto público, como a escola. Livingstone (2002) fala-nos de um conceito que, início do século XX, de dia para dia se tornava mais evidente nos lares portugueses. A “cultura do quarto de dormir” partilhada por um número cada vez maior de crianças e adolescentes, dá primazia ao tempo de lazer passado solitariamente no quarto onde podem ter acesso a um maior número de aparelhos tecnológicos ao invés do que se passava antigamente quando as crianças preferiam brincar na rua com os amigos.

Neste sentido, o quarto é visto como um espaço seguro e a rua, pelo contrário, um espaço de ameaça e perigo onde as crianças não poderiam estar sozinhas. O quarto de dormir passaria então a conjugar dois mundos num só. Por um lado, as crianças teriam ali o seu espaço próprio, um lugar onde predomina a autonomia, a liberdade e a privacidade e, acima de tudo, livre de adultos. Por outro lado, devido à presença dos mais diversos aparelhos tecnológicos, este espaço permitir-lhes-ia também criar um elo de ligação com o exterior e manter o contacto com amigos evitando a distinção entre aquilo que é público e o que está confinado ao espaço privado.

Ainda antes do advento destas novas tecnologias móveis e da possibilidade permanente de comunicação entre os indivíduos, já o telefone fixo parecia ter este papel potenciador de ligar o espaço público ao espaço privado. Segundo um estudo feito em 1998, na Austrália, com jovens entre os 13 e os 19 anos de idade, o telefone fixo sempre foi utilizado como forma de manter os laços de amizade e prolongar as atividades que se passavam na escola ou na rua, trazendo-as para o espaço privado da casa (Gillard *et al.*, 1998). Já neste estudo, o quarto surgiu também como um espaço de afirmação da independência e de desenvolvimento de uma identidade própria que é sustentada pela interação com os pares através do uso das tecnologias de comunicação.

No entanto, com todos os avanços e inovações no mundo das tecnologias que foram acontecendo nos últimos anos, o quarto de dormir começa a perder cada vez mais este papel de espaço tecnológico limitado e a interação entre o contexto público e privado, começa a estender-se para outros espaços. Os novos aparelhos tecnológicos como os *smartphones* e os *tablets*, que conjugam a mobilidade com todas as potencialidades comunicacionais (e não só) de um computador ou telefone fixos, tornaram-se os principais responsáveis por esta alteração. Assim sendo, é através destes dispositivos móveis, dos quais os jovens já não abdicam, que os espaços onde a privacidade ganha primazia e os adultos não são admitidos, se começam a expandir cada vez mais dando origem a um forte desvanecimento desta dita “cultura do quarto de dormir”. Neste caso, uma criança ou um jovem poderia estar na rua ou na mesma sala que os pais e continuar a manter as relações com os seus amigos através de um dispositivo que lhes permite a privacidade que antes era apenas proporcionada pelas paredes do quarto. Além disso, o dilema entre segurança e ameaça que opunha a rua e o quarto fica, de certa forma desfeito através da utilização dos telemóveis. A rua torna-se num espaço relativamente mais seguro, visto que os telemóveis proporcionam uma “sensação de segurança psicológica” (Cardoso *et al.*, 2009) que permite aos pais descansarem sabendo que se algo acontecer, as crianças terão sempre forma de os contactar.

Outra das dimensões também fortemente destacadas por Gillard, Wale, e Bow (1998) é a importância dos telefones no desenvolvimento de uma identidade própria que se constrói e refina à medida que vão acontecendo as interações com outros indivíduos da mesma idade. Embora este

estudo tenha centrado o seu foco principal em torno do telefone fixo, são já deixadas em aberto algumas pistas sobre o potencial dos telefones móveis. Segundo as autoras desta investigação, os telemóveis trazem aos jovens a possibilidade de aumentar a privacidade das suas conversas, uma vez que não estão restritos em termos de espaço e permitem aos jovens expressar-se de outras formas, longe do olhar e do controlo dos adultos.

Já no final de 2007, a penetração destes aparelhos em Portugal registava números incríveis. Cerca de 12,9 milhões de assinaturas do Serviço Telefónico Móvel, ultrapassavam em muito os cerca de 10,5 milhões de habitantes que constituíam a totalidade da população portuguesa (Cardoso *et al.*, 2009:91). Alguns anos depois, em 2014, Portugal torna-se no sétimo país da União Europeia com uma maior taxa de penetração do serviço telefónico móvel, registando logo no ano seguinte cerca de 16,4 milhões de assinaturas, o que perfaz um total de 158,3 assinaturas por cada 100 habitantes (ANACOM, 2015). Estes números são resultado do ‘boom’ tecnológico a que temos vindo a assistir e traduzem a omnipresença das TICs entre a sociedade portuguesa. Apesar da sua evidente generalização, alguns autores (Dias, 2007; Ling e Haddon, 2008) afirmam que é na adolescência e entre as camadas mais jovens da população que a penetração do telemóvel se tem intensificado, com especial enfoque na execução de diversas tarefas que excedem a realização de chamadas telefónicas e o envio de mensagens escritas.

Olhando ainda para o panorama nacional e para os usos mais expressivos do telemóvel, Cardoso, Espanha e Lapa (2009) dizem-nos que também no nosso país este aparelho parece ter o mesmo papel impulsionador na construção de uma identidade pessoal e coletiva das crianças e jovens portugueses:

“O telemóvel pode ser visto como uma extensão do corpo mas também como uma extensão nevrálgica do próprio “eu” pessoal e social, servindo de intermediário na relação dos jovens com os outros e com o mundo social” (Cardoso *et al.*, 2009a:89)

Todas estas características que hoje associamos aos telemóveis vieram, sem dúvida, mudar a forma como a sociedade dos nossos dias se organiza. No entanto, há uma em particular que merece especial atenção: a possibilidade de coordenação do quotidiano. “It is evident that cell phones reduce the need for temporal preplanning, insofar as rearrangements can be made at any moment, even shortly before an agreed time” (Geser, 2005:27) Nesta lógica, as ações que fazemos e as relações que criamos são em parte coordenadas a partir destes aparelhos móveis à medida que lhes vão sendo atribuídos diversos usos que à partida não seriam aqueles para os quais foram pensados. É então a partir desta nova forma de pensar o quotidiano que podemos afirmar que os telemóveis vieram influenciar a maneira como atualmente encaramos os conceitos de tempo e espaço. Desde que se tornou possível alterar os planos, a qualquer hora e a partir de qualquer

lugar, a sociedade em que vivemos tornou-se mais fluída e mais baseada no tempo real, fazendo com que o impacto que o passado e o futuro exercem no nosso dia-a-dia se tornasse mais limitado e reduzido (Geser, 2005; Ling e Yttri, 1999).

Segundo Ling e Yttri (2002), o telemóvel tem a função de coordenar o quotidiano e consoante os usos que lhe damos, esta coordenação pode ser mais restrita ou mais abrangente. Assim, ficamos perante dois conceitos fundamentais que traduzem os tipos de usos que atualmente podem ser atribuídos a um telemóvel: a “microcoordenação” e a “hipercoordenação”.

A microcoordenação prende-se com um uso mais instrumental do telemóvel que se resume apenas à utilização do mesmo para coordenar as tarefas do dia-a-dia e as interações face-a-face, através de chamadas ou do envio de mensagens. Para além desta função, o telemóvel tem sempre inerente uma ideia de segurança e acessibilidade uma vez que proporciona aos indivíduos a possibilidade de um contacto permanente com outros. Esta “sensação de segurança psicológica” é a que mais influencia o uso dos telemóveis por parte dos adultos e é também com base nelas que muitos pais oferecem aos filhos o primeiro telemóvel (Cardoso *et al*, 2009a). Ao verem neste aparelho a possibilidade constante de comunicação, os pais associam-lhe novas formas de controlo e exercício da parentalidade à distância e coordenação da vida familiar. Embora a relação entre pais e filhos comporte uma grande carga emocional, o uso que estes pais atribuem ao telemóvel não se prende com este aspeto mas sim com um lado mais prático e concreto de organização das rotinas diárias. Há mesmo autores (Geser, 2005:26; Ling e Haddon, 2008:2) que atribuem ao telemóvel o papel de manutenção permanente do vínculo que existe entre pais e filhos, comparando-os com a ligação que se estabelece através do cordão umbilical. Segundo esta lógica, o telemóvel serve como um meio de controlo que torna o processo de emancipação das crianças mais gradual e demorado, uma vez que os mais novos continuam a ser acompanhados pelos pais para onde quer que vão.

No entanto, a ideia dos adolescentes em relação ao telemóvel é bastante diferente, uma vez que como já vimos, estes aparelhos são encarados como possíveis espaços de liberdade, autonomia e privacidade, espaços onde o controlo dos pais não parece caber. Assim sendo, para os jovens, o telemóvel é utilizado mais numa função expressiva do que instrumental. Como nos dizem Ling e Yttri (2002), a adolescência é o período da vida em que a influência dos amigos é mais importante do que a influência dos familiares na construção da identidade e na definição dos papéis sociais a adotar no futuro. Deste modo, é natural que as interações com os amigos, mediadas pelas tecnologias móveis, sejam carregadas de uma maior carga sentimental à medida que se vão também tornando em meios de demarcação da diferença entre os adolescentes e os seus pais, no que diz respeito à apropriação das tecnologias.

“O telemóvel constitui-se como um espaço privado que facilita a comunicação, possibilita a personalização do aparelho e promove ideias para a afirmação da identidade” (Cardoso *et al*, 2009:99). É por isto que Ling e Yttri afirmam que o uso que jovens e adultos atribuem ao telemóvel é diferente, uma vez que os primeiros lhe conferem um papel mais expressivo e central na constituição e manutenção das redes. A esta forma de utilização, estas autoras atribuíram o nome de “hipercoordenação” do quotidiano. Esta lógica conjuga para além da ideia de segurança e acessibilidade permanentes, a expressão de sentimentos e emoções, a emancipação perante os pais e a interação e reforço das relações com o grupo de pares. A possibilidade de apresentação do “eu” como parte de um determinado grupo ou estatuto social e a criação de uma identidade pessoal constituída segundo bases coletivas partilhadas por outros da mesma idade tornam-se também duas das principais características que distinguem o telemóvel dos restantes *media*.

Estudos realizados em Portugal por Cardoso, Espanha e Lapa (2009) revelaram que embora possa aparentar que os jovens utilizam o telemóvel segundo a mesma lógica, existem algumas diferenças nomeadamente em relação ao sexo e à idade dos utilizadores. Assim, constata-se que os inquiridos mais novos utilizam o telemóvel de uma forma mais “pragmática”, dando mais importância aos jogos e outras possibilidades de entretenimento do que à comunicabilidade com os pares que ainda se concentram num grupo bastante restrito de amigos da escola, do bairro ou do ATL. À medida que a idade vai aumentando, estes autores dizem-nos que o grupo de amigos vai também englobando novos membros dando origem a uma rede social também maior e mais intensa que necessita de maior manutenção do contacto.

Outro fator que está na origem desta diferenciação etária são os níveis de autonomia que regulam o uso do próprio telemóvel. Ou seja, as crianças mais pequenas são menos autónomas e por isso o seu uso destas tecnologias encontra-se mais regulado pelos pais o que não lhes permite usufruir de tanta liberdade como quando já são mais velhos. Os utilizadores mais novos diferenciam-se ainda pelos destinatários das suas chamadas ou mensagens SMS, isto é, quando são mais pequenas, as crianças tendem a falar mais ao telemóvel com os pais do que com os amigos, seguindo uma lógica de microcoordenação das atividades diárias; quando já são mais velhas, a família vai perdendo gradualmente importância para o grupo de amigos que passa a dominar o volume de chamadas telefónicas e mensagens escritas. Quanto às diferenças entre o sexo dos inquiridos, constatou-se que as raparigas são aquelas que mais chamadas fazem ao contrário dos rapazes que olham para o telemóvel mais como uma consola de jogos do que como um dispositivo de comunicação. Ora, esta constatação vem confirmar aquilo que Ling e Yttri (2002) nos dizem de que as raparigas dão mais importância e utilidade às funções relacionais do telemóvel do que os rapazes.

É importante lembrar que ao longo de toda esta discussão, o grupo de pares e a rede de relações das crianças tem vindo a assumir um papel preponderante. Neste sentido, é possível afirmar que, entre os adolescentes, a posse de um telemóvel é um fator determinante para se estar integrado num grupo. “Those who do not have a mobile telephone are by definition outside the group” (Ling & Yttri, 2002) Esta ideia deriva da necessidade permanente de contacto entre os membros e da constante necessidade de interação associada a uma constante disponibilidade para atender as chamadas ou responder às mensagens SMS. Estas duas autoras dizem-nos ainda que o telemóvel pode resumir de forma objetiva a popularidade do indivíduo no seio do grupo de amigos e definir se este pode ou não pertencer àquele grupo específico.

Num período turbulento como é a adolescência, as dádivas e a reciprocidade (Ling e Haddon, 2008: 4) são elementos fundamentais para a construção das redes de ligação e amizade. “Além disso, os utilizadores pressionam os não-utilizadores a adoptarem esta tecnologia e motivam a utilização frequente através de contactos que requerem reciprocidade.” (Dias, 2007:78) Como tal, tudo isto requer a permanente possibilidade de contacto que atualmente é dada através da posse de um telemóvel próprio que possa ser usado em qualquer lugar e a qualquer momento, tornando-se parte essencial do dia-a-dia de cada um. Caso essa possibilidade não exista poderemos mesmo assistir a casos de exclusão social. Posto isto, podemos concluir que o telemóvel pode também ser assumido como uma forma de expressão de um determinado estatuto social e de pertença a um determinado grupo.

3. Os usos e as representações do telemóvel pelas crianças

O primeiro passo para iniciar uma investigação académica é delinear o objeto, o problema e os objetivos que nos propomos alcançar e que irão servir como um fio condutor para o desenrolar de todo o trabalho (Quivy & Campenhoudt, 2008). Uma vez definidos estes dois primeiros pontos essenciais importa depois criar uma questão de partida à qual tentaremos dar resposta.

O foco principal deste projeto recairá sobre as crianças e sobre a relação que estas desenvolveram nos últimos anos com as novas tecnologias. A presença destes aparelhos, na sua maioria móveis, na vida das crianças (e também na dos adultos) e a forma de apropriação das mesmas pelos mais novos levaram alguns autores (Prensky, 2001; Tapscott, 1997) a afirmarem que estamos agora perante o crescimento de uma nova geração de indivíduos que já nasceram na era da internet e da tecnologia digital. Segundo este ponto de vista, atualmente todas as crianças teriam as mesmas oportunidades de acesso, uso e apropriação das novas tecnologias, dando assim

origem a uma geração uniforme produzida e determinada pela presença da tecnologia como um todo. No entanto, esta visão parece-nos demasiado exagerada e generalista uma vez que nem todas as crianças têm as mesmas oportunidades de aceder e usufruir das potencialidades que o mundo digital tem para oferecer. O nosso principal objetivo é então perceber se na realidade a geração mais jovem pensa e age toda da mesma forma em relação às novas tecnologias ou se, por outro lado, existem outros fatores que poderão influenciar a forma como as crianças encaram estes novos aparelhos.

Assim sendo, a nossa investigação tentará responder à seguinte questão de partida: Será que as crianças entre os 8 e os 11 anos têm práticas e representações distintivas em relação ao uso do telemóvel? Tendo em conta que o contacto entre as crianças e as tecnologias começa cada vez mais cedo, interessa-nos compreender o que leva as crianças com idades entre os 8 e os 11 anos a quererem utilizar os telemóveis, o que fazem com eles e o que representa para um aluno do primeiro ou segundo ciclos, a posse de um destes aparelhos de comunicação móvel. Além de tentarmos responder a esta questão mais geral iremos ainda desconstruir as representações e as práticas das crianças em diversos aspetos, tentando perceber se existem alguns fatores que façam com que a relação das crianças com esta tecnologia se altere; de que modos influenciam a visão das crianças sobre estes aparelhos e ainda quais as formas de domesticação e personalização de um objeto tão comum. De modo a enquadrar esta investigação de uma forma mais específica e aprofundada, pretende-se com o presente trabalho responder às seguintes questões subsidiárias de pesquisa:

- O género das crianças influencia o uso que estas fazem do telemóvel? E as justificações que apresentam para a necessidade da posse dos mesmos?
- As razões apontadas para a necessidade da posse do telemóvel deixam antever um desejo de autonomização das crianças?
- Com o aumento da idade e a mudança de ciclo educativo, o telemóvel adquire novas representações e novos usos?
- O contexto socioeconómico das famílias influencia a forma de apropriação do telemóvel?

Para que a investigação se torne mais precisa e restrita, importa desenhar um modelo de análise que sintetize as ideias, os conceitos e as dimensões essenciais que foram previamente definidas na problemática (Quivy & Campenhoudt, 2008). Assim sendo, o esquema que se apresenta de seguida (Figura 3.1) relaciona duas ideias fundamentais deste projeto, sendo que ambas partiram da noção de que estamos, hoje em dia, perante uma nova era digital na qual as novas tecnologias têm um papel preponderante.

Por um lado, deparamo-nos com uma influência mais social desta nova era que deu origem ao surgimento de hipóteses geracionais de divisão social. As crianças são agora chamadas de “nativos digitais” pois desde que nasceram que estão habituadas a lidar com as tecnologias. Por outro lado, e segundo uma influência mais tecnológica, esta nova era digital traduziu-se no aparecimento de novos dispositivos e na reinvenção de outros. O telemóvel e as suas mais recentes versões, os *smartphones*, ganharam agora novos usos e significados ao conjugarem num só aparelho inúmeras possibilidades de interação e comunicação. De entre as várias características que definem estes aparelhos, a mobilidade, a autonomia, a individualização ou intimidade que eles proporcionam bem como a possibilidade de personalização são as quatro particularidades sobre as quais recairá a nossa maior atenção.

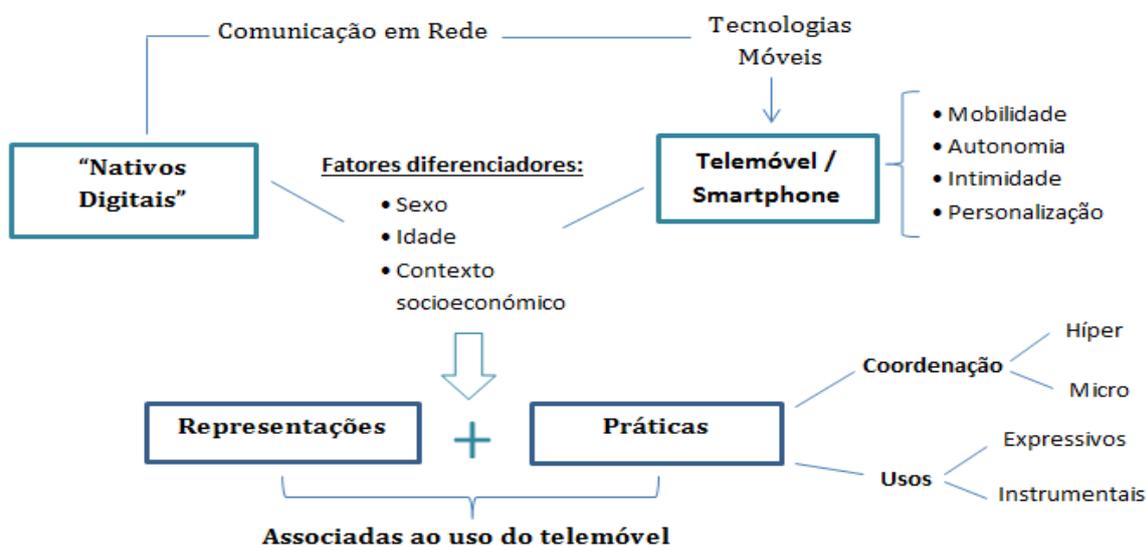


Figura 3.1 - Modelo de Análise

Posto isto, o modelo apresentado traduz a tentativa de relacionar estas duas influências que as novas tecnologias e a era digital vieram introduzir na sociedade. Através de uma análise baseada no sexo, na idade e no contexto socioeconómico das crianças, espera-se assim conseguir obter respostas que traduzam as representações e as práticas efetivas que as crianças atribuem ao telemóvel, tentando demonstrar que esta geração não é de todo uniforme e que existem variáveis que poderão influenciar a forma de apropriação das novas tecnologias pelos mais novos. Em relação às variáveis explicativas aqui utilizadas, estas foram escolhidas uma vez que, em estudos anteriormente realizados já havia sido notória a sua influência na forma de apropriação dos telemóveis por crianças e jovens (Cardoso *et al*, 2009b; Dias, 2007; Francisco, 2009; Ling e Yttri, 2002; Ling e Haddon, 2008; Simões *et al*, 2014).

Neste caso, a utilização do conceito de “nativos digitais” (Prensky, 2001), não significa que se assuma à partida que todas as crianças têm as mesmas possibilidades de acesso e

apropriação das tecnologias, formando uma geração uniforme. Pelo contrário, o objetivo será desmistificar esta ideia demonstrando que, de facto existem diferenças significativas que nos permitem afirmar que esta ideia não reflete a realidade dos nossos dias. No nosso caso, este conceito será decomposto em duas dimensões, o acesso e a literacia (ver ANEXO 1), que nos permitirão perceber se todas as crianças terão à sua disposição estes aparelhos de igual maneira e se, de facto, haverá mesmo a criação e uma nova linguagem que é apenas partilhada pelas crianças, deixando os adultos de fora deste novo mundo digital. Os restantes conceitos que compõem esta problemática foram igualmente decompostos em dimensões e indicadores, ou seja, traços efetivamente observáveis, que nos permitam recolher a informação necessária

É igualmente necessário esclarecer o porquê de optarmos por entrevistar crianças com idades entre os 8 e os 11 anos. Durante a pesquisa reparou-se numa lacuna existente em estudos anteriores (Cardoso *et al*, 2009a; 2009b; Simões *et al*, 2014) nos quais as crianças com estas idades haviam sido agrupadas num só escalão, não dando espaço para que fossem apuradas as diferenças existentes entre elas. Tendo em conta que estas idades abrangem dois ciclos escolares diferentes e, na grande maioria das vezes, uma mudança de escola, pareceu-nos pertinente analisar mais pormenorizadamente as possíveis diferenças que possam já ser notórias num espectro etário tão curto.

Por último, este modelo de análise só fica concluído com a apresentação das nossas hipóteses de pesquisa (Figura 3.2) que guiarão a investigação e fornecerão um fio condutor da análise. Embora esta seja uma investigação exploratória e qualitativa, não nos parece errado recorrer a hipóteses de pesquisa, uma vez que serão estas que nos permitirão organizar a análise das entrevistas, confrontando a realidade com as noções teóricas e os conceitos apresentados.

Hipótese 1	As crianças mais novas já utilizam o telemóvel numa lógica de hiper-coordenação do quotidiano, não se resumindo aos usos instrumentais do mesmo.
Hipótese 2	As justificações para a necessidade de posse apresentadas pelas crianças não coincidem com os usos efetivos que estas fazem do telemóvel.
Hipótese 3	As raparigas dão mais importância às possibilidades de interação e expressão através do telemóvel do que os rapazes.
Hipótese 4	Com a mudança de ciclo, as crianças dão mais valor aos usos expressivos do telemóvel.
Hipótese 5	O telemóvel é utilizado como uma forma de criação e apresentação da própria identidade da criança.
Hipótese 6	Crianças oriundas de um contexto social mais favorecido dão mais importância ao uso do telemóvel.

Figura 3.2 - Hipóteses de pesquisa

4. Ouvir a voz dos mais novos – Discussão Metodológica

Cada investigação é única e a estratégia metodológica a utilizar tem sempre que ser adaptada quer ao objeto quer aos objetivos da pesquisa em causa. É acerca disto que iremos refletir neste próximo capítulo. Quais os métodos e técnicas que mais se adequam, porquê e como os deveremos utilizar. Neste caso específico, o objeto central da nossa investigação são crianças dos primeiro e segundo ciclos do ensino básico, com idades entre os 8 e os 11 anos, levando-nos, logo de início, a enfrentar alguns desafios éticos e metodológicos. Devido às diversas características únicas e especiais que os indivíduos apresentam nestas idades, é necessário ter em conta que a recolha de informação não será tão linear como se estivéssemos a lidar com adultos.

Embora as crianças aqui sejam vistas como atores sociais com papéis definidos na escala social e capazes de construir as suas próprias identidades, a verdade é que este grupo social é extremamente vulnerável e ainda extremamente dependente dos pais e respetivas famílias. É importante termos sempre em conta que “children rarely, if ever, are responsible for giving their own consent to participate”. (Holmes, 1998:15) Assim, é essencial que não só as crianças estejam conscientes de que estão a participar num projeto de investigação e quais os objetivos do mesmo como é igualmente necessário que os pais sejam informados e que lhes seja pedido o seu consentimento para a participação dos filhos e para a utilização da informação por eles cedida. Convém ainda lembrarmo-nos ao longo de todo o decorrer da investigação que as crianças têm direitos próprios e que é extremamente importante defendê-los e garantir que todas as informações sejam utilizadas unicamente para fins académicos e que o anonimato dos entrevistados estará garantido, sendo apenas disponibilizados os dados que se mostrem necessários para esta investigação.

Tendo em conta as especificidades características dos nossos observáveis, a utilização de técnicas quantitativas como os inquéritos por questionário não será de todo fiável uma vez que crianças ainda tão pequenas terão inúmeras dificuldades quer no preenchimento dos questionários, quer na interpretação das questões e da linguagem em que estas são estruturadas (Scott, 2008:90). Para além disso, os inquéritos por questionário e outras metodologias mais quantitativas tornam-se mais estanques sem que haja sequer a possibilidade de os entrevistados darem a sua opinião ou refletirem acerca das questões que lhes estão a ser colocadas. Neste sentido, teremos que optar por pôr em prática outras técnicas não tão estáticas e com uma estrutura mais permeável que nos permitam realizar uma pesquisa intensiva baseada em métodos qualitativos que nos darão a possibilidade de “mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos” (Duarte, 2004:215). Tal como nos diz Sílvia Saramago (2001), quando se trata de crianças, as técnicas a utilizar podem ser as mesmas que

tradicionalmente se aplicariam num trabalho de campo com adultos ainda que com alguns reajustamentos.

Uma vez que o nosso objetivo principal é entender o ponto de vista das crianças em relação a uma determinada tecnologia, a melhor forma de o conseguirmos alcançar será através das suas próprias vozes e opiniões. Segundo Scott “it is only by interviewing children directly that we can understand children’s social worlds” (Scott, 2008:105). Neste sentido, o método a utilizar para esta investigação serão as entrevistas feitas diretamente às crianças. Estas entrevistas não poderão ser tão estruturadas nem rígidas como habitualmente, pelo contrário estas terão que assumir a forma de uma conversa quase informal ainda que orientada por temas e tópicos de discussão. Esta técnica consiste na construção de um guião organizado por temas que se interligam entre si, baseados nos objetivos específicos do trabalho, permitindo que ao longo da entrevista-conversa se possa ir alternando entre os diversos blocos temáticos, adaptando-se aos interlocutores mas mantendo sempre a mesma lógica de coerência (Saramago, 2001).

Durante estas entrevistas, é importante que se adote uma postura e uma linguagem menos formal de maneira a criar um elo de ligação entre o entrevistador e o entrevistado. Estas entrevistas menos rígidas permitem ainda que as próprias crianças coloquem as suas questões e desenvolvam alguns tópicos que não estariam inicialmente programados, invertendo-se assim os papéis. Existem várias modalidades para pôr em prática esta técnica: individual, relacional ou em grupo (Saramago,2001). Diversos autores destacam os chamados *focus group* (Silva *et al*, 2014), ou entrevistas em grupo como a técnica mais eficaz no sentido de promover o diálogo entre os pares sobre tópicos comuns permitindo-nos identificar as representações e as práticas que caracterizam um determinado grupo social que neste caso seriam as crianças (Greig & Taylor, 1999; Holmes, 1998; Saramago, 2001; Scott, 2008;).

Tendo em conta o carácter mais intensivo desta investigação, aliado ao objetivo de encontrar diferenças entre a forma de apropriação de uma tecnologia específica por crianças oriundas de contextos diferenciados, optou-se por realizar entrevistas individuais. A partir da utilização desta técnica poder-se-á aprofundar melhor cada tópico, deixando espaço para que cada criança entrevistada possa dar a sua própria opinião acerca do tema sem que haja qualquer influência ou pressão por parte do grupo. Apesar de serem realizadas individualmente, será através da análise destas entrevistas que conseguiremos chegar a uma dimensão mais coletiva que permita conhecer as lógicas que se estabelecem no interior do nosso grupo de foco (Duarte, 2004), ou seja, as crianças entre os 8 e os 11 anos.

Esta técnica exige, logo à partida uma forte preparação teórica e técnica da parte do investigador para que aquando do contacto com o terreno já hajam objetivos bem definidos e assimilados evitando assim a subjetividade que as entrevistas possam acarretar. Como estamos a falar de realizar entrevistas com crianças, esta preparação terá que ser ainda mais intensiva e orientada no sentido de se conseguir retirar o melhor conteúdo das conversas que serão posteriormente a matéria-prima deste trabalho. Assim sendo, esta preparação começa pela construção de um guião ou roteiro das entrevistas que será igual para todos os entrevistados. Segundo o que já foi anteriormente referido, este roteiro orientar-se-á segundo três tópicos mais gerais: práticas, representações e regulação, controlo e autonomia (ver ANEXO 3). No entanto, estes são apenas os temas genéricos que enquadram uma série de perguntas relacionadas com a forma como as crianças usam e se relacionam com o telemóvel e aquilo que esta tecnologia representa para si. Claro que cada entrevista e cada entrevistado é único e assim sendo, poderão surgir novas questões no decorrer das conversas que não estariam preparadas *à priori*.

Outro aspeto a ter em conta é o tempo de duração das entrevistas. Para que consigamos explorar todos os aspetos e alcançar todos os objetivos definidos inicialmente, o guião das nossas entrevistas será um pouco longo. Uma vez que estamos a falar de e com crianças a duração das conversas é bastante importante pois, tal como nos diz Saramago (2001:15), é natural que ao fim de algum tempo a criança comece a mostrar sinais de cansaço. Assim, há que ter em conta que a duração máxima destas conversas não deverá exceder 30 a 40 minutos de forma a conseguirmos obter uma maior participação e concentração das crianças em torno do tópico que estamos a abordar. De preferência, optar-se-á por realizar as entrevistas sem a presença de mais nenhum adulto para além do investigador, de maneira a assegurar a privacidade e a confidencialidade, bem como evitar a influência e pressão que outros intervenientes poderão acarretar. Optar-se-á ainda por gravar os testemunhos, para poderem ser posteriormente transcritos integralmente sem que se perca informação, assegurando antecipadamente a devida autorização quer das crianças quer dos pais.

Outra questão que é necessário preparar previamente é a definição de critérios específicos de seleção dos entrevistados, bem como a quantidade de entrevistas que se pretende realizar (Duarte, 2004:219). Relativamente aos critérios de seleção das crianças, estes serão baseados nos principais objetivos desta investigação e nas variáveis que consideramos como explicativas, isto é, o sexo, o ciclo de escolaridade e ainda o contexto socioeconómico de origem dos nossos entrevistados. Esta última, o contexto socioeconómico não é uma variável simples e como tal, para chegarmos até ela teremos que ter em conta a conjugação de dois indicadores: a escolaridade e a profissão quer do pai, quer da mãe da criança em causa, dando ainda alguma importância ao local de residência. De forma a garantir a privacidade e confidencialidade da informação foram

atribuídos números a cada uma das crianças entrevistadas (ver ANEXO 2). Para que conseguíssemos obter uma amostra relativamente equilibrada optou-se por realizar dez entrevistas a crianças que se enquadrassem nos perfis idealizados e que possuíssem, pelo menos, um telemóvel próprio. Era essencial que esta última questão, da posse de telemóvel, fosse respeitada uma vez que a intenção deste estudo é aprofundar o conhecimento acerca dos usos e simbologias que este aparelho adquire aquando da sua apropriação por crianças pequenas.

Quanto à estratégia amostral adotada, importa realçar que este é apenas um estudo exploratório, de modo que qualquer informação ou resultado aqui obtido não pode, de forma alguma, ser extrapolado para todo o universo uma vez que esta amostra não é probabilística nem representativa da totalidade de crianças com idades entre os 8 e os 11 anos. Tendo em conta este constrangimento e os escassos recursos que se encontravam à disposição, optou-se por recorrer ao método “bola de neve” para alcançar as entrevistas necessárias. Neste caso, recorreu-se a amigos e familiares que tivessem filhos com as idades estabelecidas e estivessem dispostos a colaborar com a investigação. Este método é normalmente usado em situações de difícil acesso às populações que se pretende estudar, tal como é o nosso caso. Para chegar às crianças era necessário abordar previamente os pais e como tal recorreu-se à rede social do investigador para conseguir chegar ao número indicado de crianças que estivessem dispostas a colaborar com o estudo. Este método acarreta ainda o inconveniente de não garantir a representatividade da amostra, havendo mesmo o risco de não se conseguir obter uma amostra suficientemente diversa. Para que tal não acontecesse, tentou-se ao máximo respeitar os critérios previamente definidos de forma a garantir uma certa diversidade nas respostas das crianças.

5. As crianças e os telemóveis: semelhanças e diferenças na forma de apropriação das tecnologias

As crianças que entrevistámos já nasceram em pleno século XX e por isso são mais novas do que os chamados novos *media* como a Internet ou os telemóveis. As casas onde vivem estão inundadas de tecnologias. Umas mais modernas, outras mais tradicionais mas é difícil encontrar uma divisão onde não exista nenhum destes aparelhos. Desde o momento em que nasceram que se habituaram a viver rodeados dos mais variados dispositivos móveis, tendo mesmo sido incentivados a usar os dos pais durante os tempos livres. Em muitas casas portuguesas são já considerados especialistas em tecnologia e, por vezes, são mesmo os adultos que recorrem à sua ajuda para lidar com estes novos aparelhos que invadiram o quotidiano de quase toda a gente.

A relação entre as crianças e os telemóveis está a começar cada vez mais cedo. Em 2006, um estudo nacional levado a cabo por Cardoso, Espanha e Lapa (2009), concluía que a idade média em que os inquiridos recebiam o primeiro telemóvel se situava nos 11,8 anos. Três anos depois, um estudo com menor dimensão realizado apenas ao nível de Lisboa (Francisco, 2009) chegou à conclusão de que a idade média em que as crianças recebiam o primeiro telemóvel tinha baixado para os 8/ 9 anos, havendo mesmo crianças com 7 anos que já possuíam este tipo de dispositivo. Entre a nossa amostra esta tendência mantém-se (ver ANEXO 4). Das 10 crianças entrevistadas, apenas uma recebeu o primeiro telemóvel com 10 anos, aquando da mudança de escola e de ciclo de ensino. As restantes receberam estes aparelhos logo no decorrer do primeiro ciclo, situando a idade média em 7,5 anos. De notar ainda que as raparigas tendem a receber o telemóvel mais tarde que os rapazes, uma diferença de género que já havia sido apontada em 2014, pelos autores do projeto Net Children Go Mobile (Simões *et al*, 2014).

Uma vez que estamos a falar de crianças pequenas, dependentes dos adultos a vários níveis, torna-se fácil antever uma participação dos pais neste processo de apropriação. Na grande maioria das vezes são eles quem oferece o telemóvel às crianças utilizando-o como um meio de prolongamento da relação entre pais e filhos. Mas, embora esta decisão possa partir dos adultos, é cada vez mais frequente que a criança tenha também uma palavra a dizer na hora de adquirir um destes aparelhos.

“P: Quem é que escolheu o modelo do teu telemóvel?”

E6: Fui eu que escolhi.” Feminino, 2ºciclo, classes médias

“P: Quem é que escolheu o modelo do telemóvel? Foste tu ou a madrinha?”

E2: A única informação que eu lhe dei era que tinha de ser da Apple e branco. De resto podia ser o que ela quisesse.” Feminino, 1ºciclo, classes médias

Dos dados que recolhemos, é possível afirmar que esta participação acontece mais frequentemente entre as crianças mais velhas. Para a grande maioria das crianças, o primeiro telemóvel é recebido como uma prenda que apesar de em vários casos ter sido pedido pelas crianças, parte da iniciativa dos próprios pais. No entanto, quando chega a altura de mudarem de aparelho e de escolherem um novo que se adequa mais às suas necessidades, as suas vontades começam a ser ouvidas. Isto significa que as crianças passam a desempenhar um papel fundamental logo desde o momento da aquisição do telemóvel.

“E9: Ele [o pai] tinha lá muitos só que eu é que escolhi este. Havia lá melhores só que eu também não gosto de andar com telemóveis muito bons, depois eu não sei mexer em várias coisas. Então eu escolhi este aqui.”, Masculino, 2ºciclo, classes populares

Outra das situações a que assistimos habitualmente, e de que é exemplo a citação anterior, é a herança de telemóveis de pais para filhos ou de irmãos mais velhos para mais novos. Estes casos são bastante usuais (tendo sido registados em 4 das 10 entrevistas) e não se resumem a um género, idade ou estatuto social específico. Por vezes são mesmo as próprias crianças que preferem os telemóveis mais antigos sob pena de perderem ou danificarem um que seja mais recente. Logo aqui podemos levantar um pouco do véu sobre a importância que estes aparelhos poderão ter para as crianças.

“P: E porque é que tu quiseste ficar com esse que já era da tua irmã?

E1: A minha mãe (...) disse assim: “preferes outro telemóvel ou queres ficar com esse?” Eu disse que queria ficar com este porque eu acho que este para mim é suficiente. Ficou da minha irmã e eu gosto muito dele e sempre gostei mais deste do que gosto doutros telemóveis.” Feminino, 1ºciclo, classes populares

Ter um telemóvel próprio pode significar muito mais para uma criança do que a sua simples posse. O facto de os amigos ou familiares também terem telemóvel, é muitas das vezes, uma das mais fortes influências para que também eles desejem ter este aparelho ao seu dispor a todo o momento. Entre as crianças mais velhas que já frequentam o 2ºciclo, é particularmente frequente que todos ou um grande número dos seus amigos também possuam telemóvel. Nestes casos, e embora pareça não existir uma pressão social explícita, torna-se quase uma exigência para a manutenção das redes de relações entre as crianças a partir do momento em que saem da escola.

“P: Porque é que tu achas que precisavas de ter um telemóvel?

E3: Porque podia levar para vários sítios. Podia mandar mensagens aos meus amigos. Podia dizer o que estava a fazer e podia jogar.” Masculino, 1ºciclo, classes populares

“E7: Eu via muito os meus amigos com telemóvel e também queria ter um” Feminino, 2ºciclo, classes médias

Ora, as afirmações anteriores vêm comprovar a ideia de que as crianças “poderão estar sujeitas a pressões sociais, estando cientes que não ter telemóvel significa estar excluído do contacto permanente com as redes sociais mais próximas.” (Cardoso *et al*, 2009a:97) De facto, na maioria das vezes, seja devido a esta pressão social ou não, são mesmo as crianças que pedem para ter um telemóvel, apresentando para tal justificações que aliam o desejo de comunicação constante com os pares à possibilidade de entretenimento. Ainda assim, a razão mais apontada para justificar a posse destes aparelhos não passa por nenhuma das apresentadas anteriormente.

“E4: Eu disse assim para a mãe “era para falar mais contigo quando estivesse a acontecer alguma coisa grave ou estivesse em algum lado.” E acho que ela achou bem.” Masculino, 1ºciclo, classes médias

De entre as várias razões apresentadas pelas crianças, a que de facto mais se destaca é a necessidade de entrarem em contacto com os pais em caso de emergência. Em idades como estas, a chamada “sensação de segurança psicológica” (Cardoso *et al*, 2009a) traduz-se na ideia de que os pais estarão sempre acessíveis a qualquer momento. A apresentação deste tipo de argumentos mais instrumentais alia um desejo de autonomia da parte dos filhos, muito influenciado pela pressão social, com uma estratégia de controlo parental à distância. Esta ideia de constrangimento social leva-nos a deixar em aberto uma questão para estudos posteriores: poderá a oferta de um telemóvel ser vista como uma exigência no correto exercício da parentalidade? Até que ponto a pressão social não parte só das crianças mas também dos adultos que vêm neste aparelho um requisito essencial para serem considerados bons pais?

De facto, a comunicação e a possibilidade de estar acessível a todo o momento é mesmo a característica a que as crianças atribuem mais importância na posse de um destes aparelhos. Para todos os nossos entrevistados (e apesar de alguns terem também apontado a possibilidade de acesso à internet e os jogos como funções igualmente importantes) a comunicação aparece no topo das funções que maior importância atribuem aos telemóveis. Como nos diz Dias (2007:81), “a necessidade de comunicar inerente ao ser humano é a principal justificação para a imprescindibilidade do telemóvel na sociedade contemporânea”. Neste caso, podemos concluir que esta necessidade é algo transversal a toda a população, uma vez que não é só entre os adultos que a comunicação se destaca, ganhando mesmo uma enorme relevância entre crianças dos 1º e 2º ciclos do ensino básico.

Outra curiosidade que é também comum a todos os entrevistados e se destaca como sendo um reflexo da sociedade atual e do contexto tecnológico em que vivemos é o facto de todas as

crianças se terem referido a *smartphones*, durante as entrevistas. Para nenhum dos entrevistados a ideia de um telemóvel mais tradicional, sem máquina fotográfica ou acesso à internet não é sequer concebível, havendo mesmo alguns que expressam alguma dificuldade em dissociar estes dois novos *media* do século XXI.

“P: E se tivesses que escolher entre a internet e o telemóvel?”

E9: Mas o telemóvel já tem internet!” Masculino, 2ºciclo, classes populares

5.1 Uma geração multifacetada

“In other words, different youth have varied experiences because of the different services and technological possibilities open to them.” (Ling e Haddon, 2008:8)

Olharemos agora com maior pormenor para as diferenças que conseguimos apurar através da análise das entrevistas, à luz das variáveis explicativas. Em primeiro lugar importa olhar para as tarefas que as crianças desempenham a partir destes dispositivos móveis. Como já vimos em capítulos anteriores, os telemóveis atuais e, em particular aqueles a que as crianças se referem ao longo das conversas (*smartphones*), não são unicamente utilizados para efetuar e receber chamadas ou mensagens de texto. No nosso caso, chegámos mesmo à conclusão que estas duas tarefas estão entre as menos realizadas por crianças entre os 8 e os 11 anos.

“P: E o que é que gostas mais no telefone?”

E2: As músicas e os jogos. Também acho que as chamadas foram bem inventadas mas não gosto lá muito de fazer chamadas. Gosto só de jogar e ver músicas.” Feminino, 1ºciclo, classes médias

Na verdade, esta resposta é bastante esclarecedora dos usos que as crianças atribuem ao telemóvel. Embora reconheçam a devida importância da comunicação, é o entretenimento que mais os atrai na hora de usufruir deste tipo de aparelhos eletrónicos. Em particular os jogos, a música e a fotografia, são os principais atrativos para crianças com estas idades, destacando-se os jogos como uma atividade mencionada por todas as crianças entrevistadas, sem qualquer exceção de idade, género ou classe social.

Já em 2008, no inquérito E-Generation (Cardoso *et al*, 2009b) realizado em Portugal, era possível antever estes resultados. Na altura, tendo em conta apenas os dados recolhidos para o escalão etário dos 8 aos 12 anos, cerca de 17,1% dos inquiridos tinha o hábito de tirar fotografias várias vezes ao dia. No campo da música, 19,2% dos inquiridos afirmava ouvir música várias vezes por dia enquanto os jogos já se destacavam como a atividade predileta das crianças com mais de um terço dos inquiridos a responder que jogava jogos do telemóvel pelo menos uma vez por dia.

No entanto, algo que este estudo de 2008 não permitia saber era a ligação entre os telemóveis e as redes sociais *online*, das quais se destacam o Facebook, Instagram e WhatsApp. Tendo em conta que para criar uma conta numa rede social como o Facebook é necessário ter, no mínimo, 13 anos, é claro que todas estas crianças tiveram que mentir na idade ou arranjar estratégias para contornar as normas e conseguir aceder a estas redes. Embora seja bastante pertinente, não nos alongaremos neste tema, deixando apenas em aberto uma possível ideia a explorar em investigações futuras. No caso dos nossos entrevistados é notória uma clara diferença entre os alunos do 1º e do 2º ciclo, relativamente ao acesso a este tipo de redes através do telemóvel. Enquanto os mais velhos, com um leque maior de conhecimentos e uma rede de contactos mais alargada raramente abdicam destas aplicações, os mais novos não reconhecem nelas quaisquer potencialidades. Na verdade, nenhuma das crianças do primeiro ciclo afirma aceder a redes sociais através destes dispositivos móveis, alegando mesmo nem sequer possuir conta em nenhuma destas plataformas de contacto.

“P: E tens alguma conta nas redes sociais? Tipo Facebook, Instagram...”

E3: Não. A mãe diz que não podemos ter essas coisas e eu também não quero. Nem sei bem para que é que aquilo serve.” Masculino, 1ºciclo, classes populares

“E1: Eu agora já não vou muito ao Instagram, quer dizer, eu já o desinstalei há algum tempo. E ao Gmail eu só vou mais para abrir a minha conta no Youtube. Mas eu agora no telemóvel não uso muito nenhuma rede social.” Feminino, 1ºciclo, classes populares

Como podemos ver, em algumas das situações são as próprias crianças que alegam não gostar das redes sociais nem entender o seu propósito. Até mesmo o próprio uso da internet para pesquisas ou qualquer outro tipo de tarefas é extremamente reduzido, tendo havido apenas uma criança a afirmar recorrer a este *media* no seu dia-a-dia. Por outro lado, há ainda casos em que é por força dos pais que as crianças não têm acesso a esta parte do mundo digital. Não nos alongaremos agora neste assunto pois mais à frente olharemos com mais atenção para as estratégias de controlo e mediação parental associadas ao telemóvel.

Ainda no seio das diferenças possíveis de apontar no que diz respeito às atividades realizadas com o telemóvel, vemos que o género poderá ter um papel em parte diferenciador. Neste caso, 4 das 5 crianças que afirmam ouvir música através do telemóvel são raparigas e ainda, dos 7 estudantes que responderam que costumam tirar fotografias ou fazer pequenos vídeos, apenas 2 pertencem ao sexo masculino. Ora, apesar de esta amostra não ser muito abrangente podemos já denotar uma certa divisão nos gostos e nos usos do telemóvel por parte de crianças tão pequenas. Neste sentido, poderemos já denotar uma maior inclinação dos entrevistados do sexo feminino para fazer um uso mais expressivo do telemóvel uma vez que recorrem mais

frequentemente à câmara fotográfica para registar momentos que lhes sejam particularmente queridos, fazendo do telemóvel um álbum de recordações e uma memória digital dos momentos partilhados com amigos e familiares. Estes dados contradizem os apresentados por Cardoso, Espanha e Lapa (2009b), visto que neste estudo os rapazes eram apontados como os maiores utilizadores das câmaras digitais integradas nos telemóveis. No entanto não é possível comparar ambos os resultados uma vez que os universos amostrais são completamente diferentes e, além disso, ao contrário do que acontecia na altura¹, todas as crianças entrevistadas agora possuem telemóveis com câmaras incorporadas.

Voltando à tese da natividade digital apresentada por Prensky (2001), uma das principais características que diferenciariam esta nova geração das anteriores e, por conseguinte, impulsionariam a sua coesão enquanto grupo social homogéneo seria a linguagem. Uma vez que, na sua maioria, as crianças e os jovens preferem utilizar as mensagens SMS em detrimento das chamadas telefónicas (Cardoso *et al.*, 2009a; 2009b; Ling e Haddon, 2008; Ling e Yttri, 2002) seria através da escrita que esta demarcação se faria notar ainda mais. Apesar de realmente se verificar o uso de uma linguagem própria carregada de símbolos e abreviaturas, isto só acontece entre as crianças mais velhas que frequentam o 2º ciclo. Outro dado interessante é que apesar de algumas crianças afirmarem não recorrer a este tipo de linguagem muito frequentemente, são capazes de reconhecer o seu significado.

“E8: Eu não gosto muito de usar abreviaturas porque depois começo a ganhar o vício de escrever o “porque”, com um “p” e um “k”, e não, escrevo normalmente como escrevo na escola. Por exemplo “Bom dia. Tudo bem?”, não escrevo “bd, tb?”. Não uso muitas abreviaturas.” Masculino, 2º ciclo, classes populares

De entre as entrevistas que realizámos, nenhuma criança do 1º ciclo afirmou usar este tipo de código linguístico, alegando mesmo não entender o seu significado. Assim sendo, mais uma vez se desmistifica a existência de uma geração homogénea, voltando a realçar a importância da idade como fator diferenciador entre as crianças mais novas e a forma de apropriação e domesticação que estas atribuem às novas tecnologias, em particular, ao telemóvel.

Esta dimensão associada ao conceito de literacia mediática (Livingstone, 2003; 2004) continua a ser uma das mais influentes quando falamos de uma geração multifacetada. Outro indicador que nos permite confirmar esta hipótese é a forma como as crianças aprenderam a utilizar esta tecnologia. No nosso caso, vemos que metade das crianças entrevistadas mencionam

¹ Segundo os autores, a percentagem de rapazes que possuía um telemóvel com esta tecnologia (59,6%) era superior à percentagem de raparigas (44%), levando-os a afirmar que os inquiridos do sexo masculino dariam mais importância às capacidades técnicas destes dispositivos móveis (Cardoso *et al.*, 2009a:105).

que aprenderam sozinhas a usar os telemóveis, considerando-se a si próprias como o elemento da família que mais à vontade se sente com este tipo de aparelhos digitais. Segundo estudos anteriores feitos em Portugal e noutros 6 países europeus (Simões *et al*, 2014), “as crianças e jovens portugueses, em geral, afirmam ter mais competência nos meios digitais do que a média europeia”.

“E3: A minha mãe só me ensinou na Playstation. [No telemóvel] Eu aprendi sozinho.

P: E quando não sabes, pedes ajuda a quem?

E3: Ao Telmo [o irmão].

P: Achas que ele percebe mais do telemóvel do que os teus pais?

E3: Eu sou o que percebe mais, mas ele também percebe.” Masculino, 1ºciclo, classes populares

Nos restantes casos, este papel coube aos pais ou outros familiares próximos das crianças. Ainda dentro desta dimensão conseguimos observar a influência diferenciadora do contexto socioeconómico em que a criança se insere, tendo em conta que, quanto menores forem as qualificações dos pais menor é também a sua influência neste tipo de aprendizagem, repartindo-a com outros familiares. Por conseguinte, nas classes populares é comum observarmos que as crianças recorrem a irmãos ou primos, igualmente crianças ou jovens com idades aproximadas das suas quando necessitam de tirar dúvidas ou querem saber como usar aparelhos, como os telemóveis.

“E9: Principalmente foi o meu irmão porque ele é o que percebe mais disso, mas também a minha mãe. Por exemplo, a minha mãe ensinou-me mais a fazer chamadas e mensagens mas o meu irmão ensinou-me mais a mexer na internet, nas redes sociais, assim.” Masculino, 2ºciclo, classes populares

Falando ainda das mensagens SMS, podemos ver que estas são usadas maioritariamente para manter o contacto entre as crianças e os seus pais. Esta ferramenta proporciona uma maior privacidade às crianças, mantendo as conversas longe dos adultos, criando assim um espaço de certa forma privado onde quer que a criança esteja. Este fator aliado à expectativa de uma reciprocidade constante e de um canal de comunicação permanentemente aberto tornam-se grandes atrativos para crianças e jovens (Cardoso *et al*, 2009a). Apesar de reforçarem uma cultura partilhada pela maioria dos jovens, a utilização das mensagens de texto deixa também antever uma diferenciação, sobretudo etária e demarcada pela mudança de ciclo escolar. Neste caso, a quantidade de envio de SMS e a importância a elas atribuída é proporcional ao aumento da idade da criança. Ou seja, os mais novos são quem envia menos mensagens de texto, fazendo uso delas para combinar encontros com amigos ou com os pais mantendo uma lógica de microcoordenação

do quotidiano. Mais uma vez, os jogos e o entretenimento são outro dos tópicos mais abordados por crianças destas idades.

“P: E mandar mensagens, costumava mandar?”

E2: Sim. Quando a mãe está noutra sítio, eu mando mensagens e também para os amigos.

P: E o que é que tu costumava falar por mensagens?”

E2: Para dizer “olá”. Nós encontramos-nos muito nas férias da Páscoa e no verão, no Algarve. Então eu mando-lhes mensagem a dizer no dia em que eu chego e a dizer se eles estão lá.”

Feminino, 1º ciclo, classes médias

Nestas idades, entre os 8 e os 9 anos, as redes de relações são ainda muito limitadas a um grupo restrito de amigos ou aos pais, justificando-se assim o facto de os alunos do 1º ciclo fazerem um uso muito mais instrumental do telemóvel. Por outro lado, os mais velhos utilizam as SMS mais frequentemente abordando temas mais diversos como assuntos relacionado com a escola ou com o quotidiano, utilizando esta ferramenta de forma a dar continuidade às redes sociais criadas em ambientes fora do contexto familiar.

“E10: Aos pais às vezes digo “quando é que chegam?”, “quando é que me vêm buscar?”. Se eu hoje vou ao apoio, se venho aqui para a biblioteca. E para os amigos às vezes é para perguntar se há trabalhos de casa, se há algumas matérias dos testes que eu se calhar não passei. Às vezes também combinamos em levar roupas iguais. Combinamos esse tipo dessas coisas.” Masculino, 2º ciclo, classes médias

“E7: De vez em quando até falo com eles [os amigos] sobre o dia-a-dia, o que é que eles estão a fazer e muitas coisas. E também sobre os jogos porque eu tenho uma amiga que joga comigo.” Feminino, 2º ciclo, classes médias

Para terminar, esta ideia do uso do telemóvel como uma forma de contacto e extensão das relações pessoais com os pares vai ao encontro dos dados do projeto Net Children Go Mobile (Simões *et al*, 2014) que confirmam que 83% dos rapazes e 87% das raparigas, entre os 9 e os 12 anos, se sentem mais próximas dos seus amigos desde que possuem um *smartphone*. Quanto aos familiares, as percentagens são bem menores, ficando-se pelos 30% entre os rapazes e os 61% entre os inquiridos do sexo feminino.

5.2 Autonomia e controlo: o permanente dilema entre pais e filhos

Como já vimos anteriormente, os telemóveis são, na maioria das vezes utilizados como forma de manutenção de uma via de comunicação permanentemente ativa entre pais e filhos. Na verdade, até mesmo para as crianças mais velhas (2º ciclo) estes dispositivos continuam a ser tidos como um vínculo muito forte da relação com os pais. Já em 2009, o inquérito E-Generation

(Cardoso *et al*, 2009b) nos dizia que para cerca de 74% das crianças entre os 8 e os 12 anos, o pai ou a mãe eram as pessoas com quem mais falavam ao telemóvel. Em 2014, os dados do projeto Net Children Go Mobile (Simões *et al*, 2014) relativos a Portugal apontam que as chamadas e as mensagens são mesmo os modos mais frequentemente utilizadas para entrar em contacto com os pais. No nosso caso, 7 em 10 crianças afirmam que é com os pais que passam mais tempo ao telemóvel, utilizando as chamadas como forma de coordenação das atividades do quotidiano.

“E5: Às vezes quando estou na casa da minha avó, pergunto se eu posso ficar lá de noite ou venho para casa. Ou se posso ir para ali para casa da minha outra avó e outras coisas.” Feminino, 2ºciclo, classes populares

Apesar de, a partir do 2º ciclo, os amigos começarem a ter uma importância crescente nas chamadas telefónicas, os pais continuam a ser os principais destinatários dos telefonemas das crianças. Outro dado relevante é a confirmação de que as crianças recebem mais chamadas do que aquelas que realizam. Para os pais, o telemóvel continua a ser um instrumento de controlo dos filhos na medida em que a qualquer momento podem saber onde eles estão, o que estão a fazer e exercer à distância o seu papel parental. Por outro lado, e como podemos ver pela citação acima destacada, os próprios filhos usam o telemóvel como forma de corresponderem a esse controlo. Ou seja, ao usarem os telemóveis para pedidos de autorização ou para dizerem aos pais onde estão, as crianças tendem a agir em função daquilo que os pais querem, prolongando esta tendência de “remote parenting” (Ling e Haddon, 2002), maioritariamente associada às mães.

Também ao nível das diferenças socioeconómicas, há ainda outros dados que nos parecem relevantes. Para algumas crianças oriundas das classes médias, o telemóvel é usado como forma de demonstrar afeto e preocupação pelos pais quando estes se encontram longe, deixando transparecer um outro tipo de usos igualmente associados a este dispositivo: os usos emocionais.

“E2: Às vezes é para, quando a mãe está noutra sítio, lhe dar um beijinho de boa noite.” Feminino, 1ºciclo, classes médias

Estas afirmações dão corpo ao permanente dilema entre o desejo de autonomia das crianças e a ideia de controlo parental. Não será por acaso que a grande maioria das crianças entrevistadas reconhecem que os pais controlam aquilo que elas fazem com o telemóvel. Ao olharmos mais em pormenor para esta questão percebemos que é entre as crianças mais novas (1ºciclo) que este controlo é mais notado. Estes dados vão ao encontro de outros apresentados em 2014, pelo projeto Net Children Go Mobile onde se apontava que “a mediação parental reduz-se com a idade e tende a exercer-se mais junto das raparigas.” (Simões *et al*, 2014) No geral, a mediação adotada pelos pais é mais ativa destacando-se o acompanhamento das atividades que

os filhos tendem a realizar a partir do telemóvel. Segundo o mesmo estudo, Portugal é o país onde os pais mais fazem uso deste tipo de mediação, optando por conversar com os filhos sobre as tarefas que estes realizam a partir do telemóvel.

“E4: Perguntam “mas o que é que estás a fazer?” e eu digo “olha estou aqui a pesquisar qualquer coisa”. “Então vem aqui à cozinha mostrar-me o telemóvel”. Eu vou lá e mostro, não estava a fazer nada que não devesse. Mas eu raramente faço.” Masculino, 1ºciclo, classes médias

Quanto a medidas mais restritivas, outra das formas mais evidentes de controlo exercida pelos pais é a imposição de um limite de despesas fixo. No caso português, a maioria das operadoras dispõe deste tipo de tarifários pré-pagos, oferecendo aos pais mais uma forma de controlar aquilo que os jovens fazem. Na realidade, a imposição de limites associados às despesas relativas ao telemóvel torna-se na forma de regulação mais mencionada pelos nossos entrevistados, sendo também aquela que mais tensões origina dentro do seio familiar (Cardoso *et al*, 2009a:194). A imposição de horários livres de telemóveis é também uma das regras bastante mencionada pelas crianças, no entanto, a que mais curiosidade nos desperta e que deixa antever uma diferenciação entre as crianças desta geração é a regulação relativa ao uso das redes sociais *online*.

“P: Há alguma situação em que tu estejas proibida de usar o telemóvel?

E2: Só não me deixam é ter Facebook. Mas isso eu também não quero porque não sei qual é que é a piada daquilo.” Feminino, 1ºciclo, classes médias

Tal como apontado anteriormente, nestas idades, começa a ser bastante comum que as crianças revelem interesse em entrar em redes sociais *online*, como o Facebook, onde possam ter contacto com os amigos. De forma a controlar a entrada das crianças no mundo digital, são os próprios pais que os proibem de acederem a este tipo de redes através do telemóvel, mesmo antes dos mais novos se aperceberem das potencialidades de estarem “ligados”. Este tipo de regulação acontece maioritariamente entre os alunos do ensino primário, uma vez que para os mais velhos, a presença no mundo digital já se torna quase obrigatória, devido à pressão da contactabilidade constante por parte dos pares.

Assim sendo, a ideia do telemóvel como instrumento de controlo já não é nova e, como vimos, é muitas vezes utilizada pelas crianças como forma de convencerem os pais a oferecerem estes aparelhos, deixando-os mais seguros quando estão longe. Nesta lógica, 3 crianças entrevistadas afirmam que se sentem mais controladas pelos pais desde que têm telemóvel. Olhando novamente para as diferenças entre os ciclos de ensino, podemos ver que isto acontece mais entre os alunos do 1º ciclo, havendo mesmo entre os mais velhos aqueles que afirmam já ter

desenvolvido estratégias para fugir a este tipo de controlo, impondo assim o seu desejo de autonomia e privacidade.

“E9: Eu só mostro o que quero. Mas, por exemplo, imaginemos que a minha mãe me obriga a mostrar, aí eu tenho que mostrar, né? Mas se ela pedir “oh, (...) mostra lá aqui isto”, eu apago algumas mensagens para ela não ver tudo.” Masculino, 2ºciclo, classes populares

Curiosamente, este sentimento de privacidade associado ao telemóvel é um dos mais expressados por crianças oriundas de classes populares. Quando questionados sobre se contam aos pais aquilo que fazem com este aparelho, apenas 3 crianças deste estrato social o negam, dizendo ainda que escondem dos adultos aquilo que fazem, reclamando apenas para si o uso do telemóvel como um espaço privado, livre de intrusos.

Para os pais, esta negociação da posse do telemóvel serve também como forma de castigo ou recompensa por certos comportamentos dos filhos. Segundo Cardoso, Espanha e Lapa (2009a), a televisão é o media mais controlado pelos pais e aquele que, na maioria das vezes, mais é utilizado como forma de castigo das crianças. No entanto, com o avanço tecnológico e com a chegada de novos *media* digitais, este controlo tende a ser mais diversificado. No nosso caso, vemos que para 7 das 10 crianças entrevistadas, o telemóvel já foi ou poderá ser usado pelos pais como forma de punição. Normalmente, a impedição de usar o telemóvel está relacionado com trabalhos de casa em atraso ou com algo que a criança tenha feito, contrariando as regras impostas.

“E1: A minha mãe já me tirou o telemóvel. Acho que já me foi tirado três dias para eu me portar bem, depois eu portei-me bem e ela devolveu-me o telemóvel outra vez.” Feminino, 1ºciclo, classes populares

Por outro lado, o uso do telemóvel como recompensa foi apenas mencionado numa das entrevistas realizadas (E8, 2ºciclo, classes populares). Ainda assim, os usos atribuídos por pais e filhos a este aparelho deixam antever uma importância cada vez maior do telemóvel nas suas vidas. Também com o aumento da idade das crianças podemos observar um reforço cada vez maior desta importância. Tendo em conta que é a partir da mudança de ciclo educativo que começa a ser mais usual os pais usarem o telemóvel como forma de castigar os filhos, podemos também concluir que será, igualmente, nesta altura que este dispositivo passará a ter um papel mais central no quotidiano dos mais novos.

Ao longo desta dissertação temos associado por diversas vezes o telemóvel como objeto de controlo parental. No entanto, as limitações ao uso desta tecnologia não se cingem ao universo familiar. A escola, como sendo o espaço onde as crianças passam a maior parte dos seus dias, é também um espaço onde os telemóveis tendem a estar sujeitos a normas bastante restritas. Para a

maior parte das crianças do 1º ciclo, esta regulação começa logo na proibição de levarem os telemóveis para a escola, o que nos leva a supor que este tipo de aparelhos tecnológicos ainda não são bem aceites em escolas primárias. Na maioria dos casos, os telemóveis são vistos como elementos de distração que impedem os alunos de se concentrarem nas matérias lecionadas, não havendo sequer espaço para se explorar as potencialidades e os usos das novas tecnologias. Entre os entrevistados mais velhos que frequentam o 2º ciclo, as respostas continuam a corresponder com este tipo de regulação restrita relativo aos *media*. Ainda assim, todos os entrevistados que afirmam poder levar o telemóvel para a escola tendem a usar estes aparelhos durante os intervalos letivos como forma de entretenimento.

“P: E passas muito tempo a mexer no telemóvel durante os intervalos ou passas mais tempo, por exemplo, a brincar com os teus amigos?

E7: Passo um bocadinho mais tempo com o telemóvel.

P: E o que é que costumas fazer nessas alturas, nos intervalos das aulas?

E7: Eu geralmente oiço música ou vejo vídeos.” Feminino, 2º ciclo, classes populares

Tal como podemos ver através da citação anterior, (ainda que isto não aconteça com a generalidade dos entrevistados) os telemóveis chegam a ser a maior forma de distração durante os intervalos, sobrepondo-se mesmo às brincadeiras e ao convívio com as outras crianças. No que diz respeito às aulas, mais uma vez, estes aparelhos não são bem-vindos. O seu uso é proibido em quase todos os casos, havendo apenas uma criança que refere o uso do telemóvel durante as aulas, embora saiba explicitamente que é proibido pelos regulamentos. Novamente, este comportamento deixa transparecer o desejo das crianças estarem “ligadas” a toda a hora, sendo que, para elas, o telemóvel não é visto como algo intrusivo mas sim como uma ferramenta essencial.

“P: E na escola, há regras para o uso do telemóvel?

E9: Há, só que eu não as cumpro e ninguém as cumpre. É “tens que desligar o telemóvel na aula” e nós continuamos com os telemóveis ligados” Masculino, 2º ciclo, classes populares

Apesar de todos estes limites impostos por terceiros, há também situações em que são as crianças a imporem regras a si próprias. A autorregulação é muitas vezes mencionada pelas crianças, destacando-se as refeições e o tempo de estudo como os períodos em que para os mais novos as tecnologias deverão ser deixadas de lado. Durante as refeições, os momentos de reunião familiar por excelência, tanto adultos como crianças consideram que o uso desta tecnologia é desadequado. No nosso caso, todas as crianças entrevistadas concordam com esta afirmação, alegando que parte delas a iniciativa de deixar as tecnologias de lado.

“P: E às refeições, tu usas o telemóvel?

E4: Não, fora de questão. Não gosto de estar a comer e estar ao telemóvel. Não gosto.

P: Isso foi uma regra que os pais impuseram?

E4: Não, não. Eu não gosto, eu prefiro até recusar a chamada quando estou a comer.” Masculino, 1º ciclo, classes médias

Durante os períodos de estudo, o processo de autorregulação é feito de forma diferente. Se para alguns o telemóvel não é visto como ferramenta de trabalho, para outros, este dispositivo é também usado como auxiliar na hora de fazer os trabalhos de casa. Seja para falar com os amigos e resolver exercícios em conjunto ou para ouvir música e promover a concentração, o telemóvel começa a ser visto também como algo útil na realização de outro tipo de tarefas que à partida não estariam relacionadas com o objetivo inicial da aquisição deste aparelho. Além destes dois momentos, existe ainda um período do dia que não é regulado nem pelos pais nem pelas crianças. Na maior parte das vezes, durante a noite, os telemóveis são colocados na mesa-de-cabeceira do quarto da criança mantendo-se permanentemente ligados. Não havendo qualquer tipo de regulação à noite há mesmo situações de chamadas e mensagens que são recebidas a horas consideradas inoportunas mesmo pelos mais novos.

Apesar de estar naturalizado no quotidiano de adultos e crianças, o telemóvel chega mesmo a ser considerado incómodo e intrusivo em algumas alturas do dia ou situações mais privadas onde a intromissão do espaço público é considerada desajustada. Este sentimento relativo ao telemóvel é maioritariamente apontado pelas crianças mais velhas uma vez que são estas que recebem mais chamadas e mensagens e para as quais o telemóvel adquire uma maior importância no seio do grupo de amigos. Neste caso, a necessidade de uma contactabilidade constante pode ser encarada como algo negativo uma vez que o telemóvel permite que a qualquer hora o contexto público se intrometa na esfera pessoal das crianças.

Nos casos em que tal acontece, a questão da autonomia concedida pelo telemóvel passa pela possibilidade de rejeitar uma chamada ou uma mensagem que não é bem-vinda. Para as crianças mais novas, recusar chamadas a pessoas conhecidas não é algo aceitável. Então, se falarmos dos pais, esta ideia é mesmo rejeitada imediatamente uma vez que o telemóvel é visto como uma ligação permanente com os progenitores e a rejeição deliberada de uma chamada se traduz numa quebra nessa linha de contacto.

“P: Aos pais, nunca recusaste nenhuma chamada?

E2: Não, porque até pode ser uma emergência. Só se for alguém que eu não conheça, número desconhecido, eu não atendo.” Feminino, 1º ciclo, classes médias

Quanto a números desconhecidos, são várias as crianças, tanto do 1º como do 2º ciclo que dizem recusar as chamadas. Neste caso, podemos confirmar a ideia de que para os mais novos o

telemóvel continua a ser uma forma de manter o contacto com as redes de relações já existentes, evitando o alargamento das mesmas. Segundo Geser, “mobile phones may therefore support tendencies towards closure rather than towards the opening up to new acquaintances” (2005). Neste caso, qualquer chamada vinda de um número desconhecido é rejeitada, chegando mesmo a ser encaradas como ameaças e intromissões no espaço privado de cada um.

Por seu lado, para os mais velhos (alunos do 2º ciclo), embora a rejeição de chamadas aos pais continue a ser algo inaceitável, quando falamos de outros contactos a ideia passa a ser mais tolerada. Normalmente, são os amigos os principais responsáveis por estas chamadas consideradas incómodas. Tendo em conta que a ideia associada ao telemóvel é da possibilidade constante de entrar em contacto com o outro, quando as crianças rejeitam as chamadas dos amigos surge quase sempre a necessidade de apresentar uma desculpa (ainda que inventada) que justifique o facto de não terem atendido.

“P: Já alguma vez recusaste uma chamada a alguém?

E8: Já. (...) A muitos colegas meus porque estava a tentar estudar e eles estavam sempre a ligar e eu desligava e depois até cheguei a bloquear com modo de voo.

P: E depois que desculpa é que deste para não teres atendido nessa altura?

E8: Disse que estava a estudar e que não podia mesmo atender senão a minha mãe tirava-me o telefone e isso não era muito bom.” Masculino, 2º ciclo, classes populares

Ainda relativamente à relação entre pais e filhos, podemos ver que para a maioria das crianças a posse de um telemóvel próprio não se traduziu em alterações significativas dentro do seio familiar. Uma vez que os próprios pais já possuíam estes aparelhos, para as crianças é algo natural passarem a o seu. Ainda assim, alguns alunos do 2º ciclo afirmam que a partir do momento em que passaram a ter um telemóvel próprio, notaram uma menor interação dentro do núcleo familiar. Já para as crianças mais novas, em especial as raparigas, estas alterações apenas foram notadas na relação com familiares mais afastados, como avós ou tios que passaram a ligar diretamente para as crianças ao invés de ligarem para os seus pais.

5.3 Mais do que um acessório, uma parte de mim

“E7: A tecnologia já está tão avançada que acho que quase ninguém consegue viver sem um telemóvel, um computador ou uma televisão.” Feminino, 2º ciclo, classes médias

Como já fomos vendo anteriormente, para os jovens o telemóvel é muito mais do que uma ferramenta prática para fazer ou receber chamadas. Para uns é quase uma consola de jogos, para outros uma forma de manter a conexão com o seu grupo de amigos e partilhar com o mundo o seu dia-a-dia, através das redes sociais *online*. Mas tudo isto acontece porque para os mais

novos, o telemóvel adquire significados únicos e é encarado como uma extensão do próprio “eu” e das relações que cada criança tem com o mundo (Cardoso *et al*, 2009a; Dias, 2007; Ling e Haddon, 2008; Ling e Yttri, 2002; Lasen, 2004).

A partir do momento em que a criança recebe o seu primeiro telemóvel, ele passa a fazer parte da sua vida, tornando-se imprescindível quase como sendo uma extensão do corpo humano (Dias, 2007). Estes pequenos dispositivos móveis definem aquilo que a criança é, medeiam as suas relações e são, simultaneamente, por elas definidos. Ou seja, é a capacidade que o telemóvel tem de transmitir mensagens e chegar aos outros que o torna tão atraente e essencial, tanto a crianças como a adultos. No entanto, não nos referimos apenas ao envio de mensagens de texto ou à realização de chamadas. Por outro lado, o próprio aparelho pode ser suficiente para transmitir aos outros uma imagem de nós próprios. Assim sendo, a possibilidade de personalização do telemóvel permite às crianças identificarem-se com o seu próprio aparelho e criarem com ele uma ligação afetiva ao mesmo tempo que afirmam a sua identidade perante os pares. A imagem de fundo do ecrã é a forma mais usual de personalização entre as crianças. Dos nossos entrevistados, todos afirmam que alteraram a imagem dos seus telemóveis, colocando fotos suas e dos seus gostos ou interesses, identificando-se automaticamente com aquele dispositivo em particular.

Mas a personalização dos telemóveis não se fica por aqui. A colocação de capas, igualmente comum a todos os entrevistados, deixa antever uma preocupação com a segurança este aparelho, atribuindo-lhe assim bastante importância afetiva. Esta ideia está muito associada ao facto de podermos guardar no telemóvel coisas que sejam realmente importantes para nós como imagens, vídeos ou mensagens que a qualquer hora poderemos rever ou mostrar aos outros (ver Lasen 2004:5). Ao olharmos para as respostas dadas pelas crianças vemos que é novamente comum a todos a confirmação de que aquilo que guardam no telemóvel é importante para eles. Esta importância é tal que 3 crianças afirmam não mostrar sequer aos amigos fotografias e vídeos que tenham no telemóvel, encarando-o como um espaço íntimo e privado. Quanto aos restantes, esta ideia prevalece com apenas uma pequena diferença. Quando falamos de fotos em grupo, o telemóvel é encarado como uma forma de partilha, sendo que as crianças tendem a mostrar essas imagens aos amigos de maneira a prolongar os momentos e a manter a coesão grupal.

Haddon (2001:7) diz-nos que as pessoas tendem a converter as TICs em formas de demonstração pública do seu lado mais pessoal. Também para Fortunati (2005:153), estes aparelhos podem mesmo ser considerados quase como acessórios de moda ou mesmo jóias que fazemos questão de exibir perante os outros. No entanto, quando confrontadas com esta possibilidade, 8 em 10 das crianças entrevistadas discordam que seja necessário ter telemóvel para “estar na moda”. Apenas dois rapazes do 2ºciclo concordam com esta afirmação dizendo que

o telemóvel se tornou num acessório de moda devido à sua generalização. Uma vez que quase todas as pessoas possuem pelo menos um destes aparelhos, para estas duas crianças, quem não tiver um telemóvel não segue as tendências da moda. Mais uma vez se confirma a ideia da pressão social exercida quer pelos pares quer pelos adultos ou mesmos pelos restantes media, que de formas subtis exercem uma certa influência na aquisição de um destes dispositivos.

Já aqui foi também referido que a mobilidade é das principais características que definem este media e o distinguem do restante mas é necessário realçar que é também este fator que alicia as crianças a terem um telemóvel. A confirmar esta ideia vemos que a maioria das crianças entrevistadas leva o telemóvel consigo sempre que sai de casa, tendo ainda a preocupação de o manter sempre ligado garantindo a possibilidade contante de comunicação. Esta ideia vai ao encontro dos números apontados por Cardoso, Espanha e Lapa (2009a), sendo que para cerca de 74,3% dos jovens inquiridos, o telemóvel apenas lhes é útil se estiver constantemente ligado.

“P: O telemóvel anda sempre contigo?

E9: Sempre. (...)

P: E está sempre ligado ou há algumas alturas em que o desligas?

E9: Está sempre ligado, até nas aulas.” Masculino, 2ºciclo, classes populares

Uma quebra nesta linha permanente pode significar uma quebra também ao nível sentimental. Isto é, as crianças estão de tal forma habituadas a ter o telemóvel consigo que caso se esqueçam dele em casa, se sentem automaticamente ansiosos e de certa forma perdidos. Dados do projeto europeu Net Children Go Mobile (Simões *et al*, 2014), 59% dos jovens que possuem *smartphones* já sentiu por diversas vezes a necessidade de verificar o telemóvel para saber se algo tinha acontecido. Além disso, 54% destes jovens afirmam que ficaram aborrecidos quando o aparelho estava sem rede ou sem bateria, impedindo-os de o utilizar. Segundo Lasen (2004), os telemóveis são instrumentos flexíveis que permitem reduzir o *stress* associado ao planeamento do tempo. No entanto, esta flexibilidade pode também potenciar ansiedade quando os seus usuários não se encontram conectados, despertando a ideia de poderem ter perdido algo importante.

Embora este tipo de sentimentos associados ao telemóvel seja comum a vários entrevistados, torna-se mais usual em crianças do 2ºciclo. Mais uma vez, esta situação pode ser explicada pelo facto de o grupo de pares que rodeia estas crianças ser maior e necessitar de um contacto permanente de forma a garantir a unidade e a coesão grupais. Outro dado interessante que confirma esta necessidade de contacto com os amigos fora do contexto escolar é o facto de 3 crianças do 2ºciclo afirmarem que usam mais o telemóvel quando estão em casa. Isto deve-se sobretudo à necessidade de prolongamento dos laços e extensão do espaço público para o contexto

privado. Ou seja, uma vez que quando estão fora de casa e na escola passam a maior parte do tempo com os amigos, é quando chegam a casa que sentem mais necessidade de retomar as conversas que estavam a ter cara-a-cara, usando o telemóvel como uma espécie de intermediário.

“P: E costumavas usar mais o telemóvel quando estás fora de casa ou dentro de casa?”

E8: Nas duas. Porque quando estou fora de casa, ligo para os pais e mando mensagens aos pais (...) dentro de casa é as mensagens com os colegas.” Masculino, 2ºciclo, classes populares

Lasen (2004:1) diz-nos que os telemóveis foram-se tornando tecnologias afetivas que medeiam as nossas experiências, comunicação e expressão de sentimentos e emoções. Segundo o seu ponto de vista, os telemóveis não só são vistos como um prolongamento do utilizador no espaço digital como também podem significar uma presença virtual dos outros no nosso espaço “real”. Ou seja, estes dispositivos móveis permitem-nos ter a sensação de que os outros estão perto ainda que na realidade se encontrem a quilómetros de distância. Podemos confirmar esta ideia, tendo em conta que 8 em 10 crianças responderam que se sentem mais acompanhadas quando têm os telemóveis ao pé de si. Seja para entretenimento, através dos jogos ou das músicas, ou mesmo para falar com os amigos, a verdade é que os telemóveis ajudam a preencher uma lacuna nas alturas em que as crianças se encontram sozinhas, na maior parte das vezes em casa.

“E1: Como me sentia sozinha, eu liguei a um amigo meu. Porque ele disse “sempre que te sentires sozinha liga-me”. E eu liguei-lhe e falámos um bocado até a minha irmã chegar. (...) senti que não estava sozinha quando falei com ele. Pensava que alguém estava ao pé de mim.” Feminino, 1ºciclo, classes populares

Além da companhia, as crianças atribuem ainda ao telemóvel outro tipo de sentimentos positivos como a responsabilidade e a liberdade. Estes dois sentimentos que traduzem em larga escala o desejo de emancipação das crianças perante os pais, são mais mencionados pelos alunos mais velhos. Neste caso, o telemóvel simboliza um ganho de autonomia, tornando-se também num símbolo de confiança transmitido de pais para filhos.

“P: O que é que significa teres um telemóvel que é só teu?”

E7: Significa que os pais têm confiança em mim e tenho liberdade para fazer o que eu quero.” Feminino, 2ºciclo, classes populares

Ainda neste sentido, é de realçar uma diferença notória entre estratos sociais. Neste caso, o sentimento de liberdade está mais associado a crianças das classes médias, enquanto o sentimento de privacidade é unicamente apontado por crianças das classes populares, deixando antever uma diferença na maneira como as crianças encaram as possibilidades que o telemóvel lhes proporciona. Mas, olhando ainda para a ideia do telemóvel como um espaço privado, vemos

que a maioria das crianças encara este aparelho como algo exclusivo que não empresta nem partilha o uso com ninguém. Apenas 3 das crianças entrevistadas, todas elas do 2ºciclo, consideram emprestar o telemóvel aos amigos para jogarem em conjunto, resumindo-se sempre este uso a uma lógica de entretenimento e não de comunicação.

Apesar de, na maioria das vezes, as crianças encararem este dispositivo como algo positivo, não significa que não reconheçam quaisquer riscos decorrentes da sua utilização. Uma vez questionadas relativamente à hipótese de o telemóvel poder representar algum risco para si, as crianças apontam diversas consequências negativas que podem advir da sua utilização.

“E3: Se estiver muito tempo a jogar ou a ver vídeos pode fazer mal aos olhos. E posso ficar muito viciado e depois não faço mais nada.” Masculino, 1ºciclo, Classes populares

“E5: Os vírus e os *hackers*.” Feminino, 2ºciclo, classes populares

“E2: Pode ser mau porque há os piratas da internet que podem (...) ver a tua morada ou podem-te roubar ou raptarem-te.” Feminino, 1ºciclo, classes médias

Os vírus, os problemas de visão, o desenvolvimento de sentimentos de dependência e a possibilidade de roubos de identidade por *hackers* ou piratas informáticos são os principais riscos apontados pelas crianças. Como podemos ver, mesmos os mais novos têm a noção de que, embora o telemóvel seja um aparelho tecnológico, os riscos que poderão resultar de uma má utilização vão muito além do espaço virtual. Outro dado que confirma a realidade destes riscos é o facto de embora as próprias crianças não se considerarem dependentes desta tecnologia, reconhecerem que entre os seus amigos há mesmo alguns que se isolam e preferem passar mais tempo com o telemóvel do que com os amigos, utilizando-o por vezes em situações em que a sua utilização não é adequada, como as aulas. No entanto, um dado que pode ser alarmante é o facto de 3 crianças do 2ºciclo, não reconhecerem nenhum risco associados ao uso do telemóvel. Assim, a ideia de que as crianças são verdadeiros especialistas tecnológicos pode ser posta em causa, tendo em conta que nem todas conhecem as verdadeiras potencialidades destes aparelhos podendo mesmo tornar-se vulneráveis e alvos fáceis através da Internet e das redes móveis.

Para terminar, tentou-se ainda perceber qual a opinião das crianças em relação ao telemóvel, comparativamente com outros *media* como a Internet, a televisão e o computador. Assim sendo, conclui-se mais uma vez que existe uma diferença entre as crianças de ambos os ciclos de ensino, sendo que os mais novos tendem a preferir quase sempre o telemóvel, encarando-o como uma consola de jogos portátil que lhes permite aceder aos conteúdos de entretenimento que mais gostam, a qualquer hora e em qualquer lugar.

“P: E se tivesses que escolher entre o computador e o telemóvel?”

E3: Escolhia o telemóvel. Porque podia levar para vários sítios e o computador não.

P: E se fosse entre a Internet e o telemóvel?”

E3: Acho que escolhia o telemóvel. Todos os jogos não precisam de Internet. Só para instalar”

Masculino, 1ºciclo, classes populares

Para os mais velhos tanto o computador como a Internet começam a adquirir uma maior importância, dando uso a outro tipo de funcionalidades que os mais novos ainda não reconhecem. Ainda relativamente à internet é possível denotarmos uma diferença de género entre os alunos do 2ºciclo. Ou seja, 2 em 3 raparigas afirmam preferir o telemóvel enquanto para os rapazes estes valores invertem-se, atribuindo uma maior importância à Internet. Estes dados confirmam o que vários autores já haviam afirmado anteriormente (Cardoso *et al*, 2009a; Dias, 2007; Ling e Yttri, 2002; Ling e Haddon, 2008) acerca da relação mais emocional que as raparigas estabelecem com os telemóveis, encarando-os como objetos pessoais nos quais depositam afetividade e que lhes permitem manter a relação com as amigas mesmo quando se encontram à distância.

Um dado realmente interessante é o facto de 6 em 10 crianças preferirem a televisão em detrimento do telemóvel. Embora seja considerado um *media* tradicional, a verdade é que as crianças não dispensam a televisão, sendo que este aparelho eletrónico continua a ocupar uma grande parte dos seus tempos livres. Se relacionarmos com vários resultados a que chegamos anteriormente vemos que estes dados não são assim tão estranhos como à partida podem parecer. Tal como vimos, nestas idades o telemóvel ainda exerce um papel muito instrumental e pragmático e a lógica de entretenimento sobrepõe-se em larga escala às possibilidades de comunicação e manutenção de laços que este aparelho permite. Neste sentido, não é de espantar que a televisão, sendo o aparelho de entretenimento por excelência continue a exercer um forte papel na vida das crianças até, pelo menos, aos 12 anos.

“P: E entre a televisão e o telemóvel?”

E5: A televisão. Porque não trás vírus nem nada e dá para ver desenhos animados que a gente goste.” Feminino, 2ºciclo, classes populares

“P: E se fosse entre a televisão e o telemóvel?”

E1: A televisão. Porque a maior parte do meu dia como eu estou aqui sozinha, fico a ver televisão.”

Feminino, 1ºciclo, classes populares

6. Considerações Finais

Nascidas em pleno século XXI, as crianças de hoje vivem em ambientes rodeados das mais variadas tecnologias, tornando-se já demasiado difícil imaginar as suas vidas sem a presença de qualquer aparelho que lhes permita manter uma ligação permanente com o mundo que os rodeia. O contacto com aparelhos tecnológicos que conjugam ambas as possibilidades de comunicação e entretenimento, como é o caso dos telemóveis, começa cada vez mais cedo, sendo na maioria das vezes influenciado pelos próprios pais. Atualmente, a pressão social para a aquisição de um telemóvel é de tal maneira notada que quem não possui um destes aparelhos poderá mesmo chegar a sentir-se excluído de um determinado grupo. A sua omnipresença é notória e a exigência da posse de um telemóvel começa mesmo antes de as crianças aprenderem a ler e a escrever, sendo estes dois requisitos essenciais para que consigam tirar um maior partido de todas as possibilidades que este novo mundo da comunicação em rede lhes apresenta. Considerados por vezes como verdadeiros especialistas tecnológicos, os mais novos apropriam-se das tecnologias e domesticam-nas de uma maneira própria que se diferencia da dos adultos. Na maioria das vezes não precisam que ninguém lhes ensine a usar as tecnologias, afirmam que aprendem sozinhos e que quando têm dúvidas recorrem a amigos ou familiares com idades próximas das suas.

O dilema entre a comunicação e o lazer é o principal ponto de convergência entre as opiniões de todos os nossos inquiridos e aquele que atribui uma maior coerência à ideia da existência de uma cultura de apropriação comum entre as crianças. Assim sendo, vimos que para estas 10 crianças, é a possibilidade de comunicar com qualquer pessoa, a qualquer hora do dia e a partir de qualquer lugar que distingue o telemóvel dos restantes *media* e, conseqüentemente lhe confere importância. Sendo esta a principal razão para justificar a posse de um destes dispositivos, a verdade é que depois de terem telemóvel, a comunicação é deixada para segundo plano, passando a ser o entretenimento a principal razão para o uso destes aparelhos. Os jogos, as músicas e as fotografias transformam este aparelho, que originalmente havia sido pensado como uma forma de manter a comunicação à distância, numa verdadeira consola de jogos portátil.

Num mundo onde o digital cada vez mais se confunde com o “real”, estes pequenos aparelhos móveis são também vistos pelas crianças como um espaço de reforço e prolongamento das suas redes de relações. No entanto, até mesmo nas conversas com os amigos e na forma de partilha destes dispositivos, o entretenimento continua a ser a principal função atribuída aos telemóveis. Usam-nos para jogar, sozinhos ou em grupo; conversam, tanto pessoalmente como através do telemóvel, sobre os jogos e combinam encontros para brincar ou jogar juntos. Seguindo esta lógica da tecnologia como forma de ocupar os tempos livres e entreter as crianças, é fácil

entendermos o porquê de a televisão continuar a ocupar um papel central na vida dos mais novos que ainda se encontram demasiado vinculados a este meio de comunicação de massas. Mais uma vez, o entretenimento sobrepõe-se às possibilidades de comunicação que só quando são mais velhas, as crianças começam a reconhecer como algo útil que lhes traz novas oportunidades em termos de construção de uma identidade própria e de uma rede de relações coesa.

Embora esta forma de apropriação seja comum a uma grande maioria dos nossos entrevistados, em alguns pontos já começa a ser notória uma demarcação entre os alunos do 1º e do 2º ciclo. Sendo esta uma grande mudança estrutural nas vidas das crianças, concluímos assim que também ela tem consequências na forma como os mais novos usam os telemóveis. A mudança para uma escola maior, com um grupo de amigos mais alargado requer um reforço maior das suas relações, atribuindo ao telemóvel o importantíssimo papel de extensão do espaço público para o espaço privado e vice-versa. Ou seja, com estes aparelhos, torna-se difícil definir onde começa um e acaba o outro. Os mais velhos, alunos do 5º e 6º ano do ensino básico, começam a descobrir no telemóvel novas funcionalidades que lhes permitem uma ligação constante com o exterior derrubando barreiras de tempo e espaço que anteriormente se pensava estarem associadas a uma “cultura do quarto de dormir” (Livingstone, 2002), onde se concentrariam todos os aparelhos tecnológicos.

Entre outros, estes resultados levam-nos a afirmar que estamos perante uma geração multifacetada que apesar de partilhar algumas ideias ou representações relativas ao telemóvel, também se diferenciam umas das outras através do tipo de usos (mais instrumentais para os mais novos e emocionais para os mais crescidos) que fazem destes aparelhos. Além do aumento de importância atribuído às mensagens e chamadas para os amigos, o acesso a redes sociais *online* como o Facebook passa a ser uma das tarefas mais realizadas por estas crianças. Os assuntos das conversas também se vão alterando. Dos jogos passamos para assuntos do quotidiano e da escola confirmando mais uma vez esta ideia de reforço e coesão das relações criadas fora do contexto familiar. A própria linguagem utilizada nas conversas entre os pares, com o uso de abreviaturas com um significado partilhado por quase todas as crianças do 2º ciclo, denotam uma necessidade de demarcação quer em relação às crianças mais novas, quer em relação aos adultos.

Associada a esta ideia de autonomização, as crianças olham para o telemóvel como uma potencial forma de se tornarem mais independentes perante os pais ao criarem um espaço onde os adultos não entrem. No entanto, a conclusão a que chegamos é que na maioria das vezes, os telemóveis são usados precisamente para o papel contrário. Ou seja, são os próprios pais que oferecem estes aparelhos aos filhos como forma de manter o controlo e a ligação parental mesmo que à distância. Este permanente dilema entre autonomia e controlo é outra das principais

características que definem a forma como as crianças se apropriam atualmente das novas tecnologias. Se por um lado, o telemóvel é visto como um objeto pessoal, de uso restrito e que permite às crianças abstraírem-se do mundo “real”; por outro e por estarem permanentemente ligados, estes dispositivos potenciam um prolongamento dos laços de parentalidade, impedindo que de certa forma o desejo de independência por parte das crianças e jovens se concretize.

Chegamos ainda à conclusão que apesar de os amigos terem um papel verdadeiramente importante na forma de apropriação dos telemóveis pelas crianças, continuam a ser os pais os principais remetentes e destinatários das chamadas telefónicas. Esta ideia de controlo parental à distância é ainda confirmada quando parte das próprias crianças ligarem aos pais a informarem sobre onde estão, o que estão a fazer, aproveitando para pedir autorização para determinada atividade. Nesta lógica, parte das próprias crianças perpetua a ideia de que os pais estão sempre presentes, apoiando-se numa base de conformismo lógico, anulando os seus desejos e acabando por agir da maneira que está socialmente normalizada.

Outra das ideias fundamentais a destacar desta investigação é o facto de até mesmo os mais novos já começarem a olhar para o telemóvel como um objeto essencial no seu dia-a-dia. Além do entretenimento que lhes possibilita, esta necessidade prende-se ainda com uma carga afetiva que as próprias crianças depositam neste aparelho. Tendo em conta que os telemóveis são vistos, por vezes, como álbuns de recordações ou baús onde são guardadas fotografias, vídeos e até mesmo mensagens importantes, é natural o desenvolvimento de uma ligação afetiva entre a criança e esta tecnologia. Sendo o telemóvel considerado mais do que um mero acessório de moda, para as crianças, estes simples objetos são encarados como uma forma de expressarem as suas identidades e criarem uma personalidade própria que se reflete nestes aparelhos.

Em suma, esta investigação permitiu-nos perceber um pouco melhor a forma como as crianças encaram atualmente as novas tecnologias e os usos que lhes atribuem realmente. Sendo uma investigação exploratória, baseada em metodologias qualitativas, não nos permite extrapolar estes resultados para todo o universo das crianças portuguesas. No entanto, esta breve pesquisa abriu-nos já algumas portas, deixando várias hipóteses em suspenso que nos permitem avançar para investigações futuras mais abrangentes.

Apesar de ter ficado definido à partida que apenas seriam realizadas 10 entrevistas, algo que nos surpreendeu ao longo do projeto foi a dificuldade em conseguir encontrar crianças dentro das idades e estatutos socioeconómicos definidos, que possuíssem telemóvel e estivessem dispostas a responder às questões que queríamos colocar. Assim, a ideia partilhada pelo senso comum de que hoje em dia quase todas as crianças têm os seus próprios telemóveis poderá estar

errada, abrindo-se espaço a que se realize uma pesquisa mais extensiva, baseada em métodos quantitativos que nos permitam enquadrar a realidade das crianças portuguesas entre os 8 e os 11 anos, sem as agrupar num único escalão etário, uma vez que já chegámos à conclusão de que existem realmente diferenças entre elas.

Um dos limites que este estudo não nos permitiu ultrapassar, visto tratar-se de uma dissertação de mestrado, é a hipótese de testar a existência de diferentes formas de apropriação relativas a outros *media*. Por exemplo, no caso dos tablets, seria igualmente interessante perceber se a maneira como as crianças utilizam esta tecnologia será igual ou diferente consoante o ciclo de ensino que frequentam, o género ou a classe social em que se inserem. Seguindo esta linha de raciocínio, deixa-se ainda a hipótese de em investigações futuras poder ser realizada uma pesquisa mais extensa que permita acompanhar as mesmas crianças ao longo de algum tempo, de forma a perceber de que maneiras vai evoluindo a sua relação com as tecnologias e quais os novos usos que lhes vão sendo atribuídos à medida que as suas vidas também vão sofrendo alterações, como a mudança de ciclo ou a entrada na adolescência.

Outra ideia que foi aqui levantada e que carece de um maior aprofundamento é a possibilidade de se tentar perceber um pouco melhor de que maneira o telemóvel ou os outros *media* como os tablets, os computadores ou até mesmo a Internet poderão influenciar a relação entre pais e filhos. Por agora ficámo-nos apenas pela perspectiva dos mais novos, no entanto, seria igualmente pertinente tentar perceber como é que, sob o ponto de vista dos pais, a oferta destes aparelhos e a sua utilização como forma de exercício do poder paternal interferem na organização e dinâmicas familiares.

7. Referências Bibliográficas

- ANACOM. (2015). '*Serviços Móveis*', *Informação estatística - 2º trimestre de 2015*.
- Bennet, S., Maton, K. A., & Kervin, L. (2008). The 'digital natives' debate: a critical review of the evidence. *British Journal of Educational Technology*, 39 (5), 775-786.
- Buckingham, D. (2002). The Electronic Generation? Children and New Media. Em L. Lievrouw, & S. Livingstone, *The Handbook of New Media* (pp. 77-87). Londres: SAGE Publications.
- Buckingham, D. (2006). Is there a digital generation? Em D. Buckingham, & R. Willett, *Digital Generations: Children, Young People and New Media* (pp. 1-18). New York: Erlbaum.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2009). *Do quarto de dormir para o Mundo: Jovens e Media em Portugal*. Lisboa: Âncora Rdeitora.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2013). Dinâmicas Familiares e Mediação: Crianças, Autonomia e Controlo. Em G. Cardoso(coord), *A Sociedade dos Ecrãs* (pp. 123-155). Lisboa: Tinta-da-China.
- Cardoso, G., Espanha, R., Lapa, T., & Araújo, V. (2009). *E-Generation 2008: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: OberCom.
- Dias, P. (2007). O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea: panorama de investigação em Ciências Sociais. *Comunicação & Cultura*, n^o3, pp. 77-96.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, n.24, pp. 213-225.
- Fortunati, L. (2005). The mobile phone as technological artefact. Em P. Glotz, S. Bertsch, & C. Locke, *Thumb Culture - The Meaning of mobile Phones for Society* (pp. 149-160). Bielefeld: transcript.
- Francisco, K. (2009). O uso dos telemóveis por crianças dos 8 aos 11 anos de duas escolas públicas em zona operária de Lisboa . *6º Congresso SOPCOM*, (pp. 3204 - 3218). Lisboa.
- Geser, H. (2005). Is the cell phone undermining the social order? Understanding mobile technology from a sociological perspective. Em P. Glotz, S. Bertsch, & C. Locke, *Thumb Culture - The meaning of Mobile Phones for Society* (pp. 23-35). Bielefeld: transcript.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia* (4ª Edição revista e atualizada ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gillard, P., Wale, K., & Bow, A. (1998). The friendly phone. Em S. Howard(edt), *Wired-up: Young People and the Electronic Media* (pp. 135-152). Cornwall, Great Britain: UCL Press.
- Gomes, M. d. (2003). Literexclusão na Vida Quotidiana. *Sociologia Problemas e Práticas*, n^o41, pp. 63-92.
- Greig, A., & Taylor, J. (1999). *Doing Research with children*. Londres: SAGE Publications.

- Haddon, L. (2001). *Domestication and Mobile Telephony. Machines that Become Us*. New Jersey, US: Rutgers University.
- Holmes, R. M. (1998). *Methods: Working with Children*. Em R. M. Holmes, *Fieldwork with Children* (pp. 13-30). USA: SAGE Publications.
- Jorge, A., Brites, M. J., & Francisco, K. (2011). Contactar, entreter, informar: um retrato da inclusão digital de jovens e seus familiares em Portugal. *Observatório (OBS)*, vol.5, nº3, pp. 101-131.
- Lasen, A. (2004). Affective technologies - emotions and mobile phones. *Receiver, 11*, Disponível em: http://www.vodafone.com/flash/receiver/11/articles/pdf/11_03.pdf.
- Ling, R., & Haddon, L. (2008). Children, youth and the mobile phone. Em K. Drotner, & S. Livingstone, *The International Handbook of Children, Media and Culture* (pp. 137-151). London, UK: SAGE Publications, Ltd.
- Ling, R., & Pedersen, P. E. (2005). *Mobile Communications - Re-negotiation of the Social Sphere*. Londres: Springer.
- Ling, R., & Yttri, B. (2002). *Nobody sits at home and waits for the telephone to ring: Micro and hyper-coordination through the use of the mobile telephone*. Noruega: Telenor FoU.
- Livingstone, S. (2002). *Young People and New Media: Childhood and the changing media environment*. London: SAGE Publications.
- Livingstone, S. (2004). What is Media Literacy. *Intermedia*, nº32(3), pp. 18-20.
- Livingstone, S., & Helsper, E. (2007). Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New media & society*, 9 (4), pp. 671-696.
- Livingstone, S. (2003). The changing nature and uses of media literacy. *Media@LSE*.
- Ponte, C. (2011). Uma Geração Digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 65, pp. 31-55.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. Em *On The Horizon* (pp. 1-6). MBC University Press, nº9 (5).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Saramago, S. (2001). Metodologias de Pesquisa Empírica com Crianças. *Sociologia Problemas e Práticas*, 35, pp. 9-29.
- Sarmiento, M. J., & Pinto, M. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. Em M. J. Sarmiento, M. Pinto, & (coords), *AS CRIANÇAS - contextos e identidades* (pp. 9-30). Centro de Estudos da Criança - Universidade do Minho: BEZERRA - EDITORA.

- Scott, J. (2008). Children as Respondents: The Challenge for Quantitative Methods. Em P. Christensen, & A. James, *Research with Children: Perspectives and Practices* (2ª ed., pp. 87-108). USA: Routledge.
- Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26, pp. 175-190.
- Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., & Azevedo, C. (2014). *Crianças e Meios Digitais em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile*. Lisboa: CESNOVA - Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.
- Tapscott, D. (1997). *Growing up digital: The Rise of the Net Generation*. New York: McGraw-Hill.
- Vincent, J. (2005). Emotional attachment and mobile phones. Em P. Glotz, S. Bertsch, & C. Locke, *Thumb Culture - The Meaning of Mobile Phones for Society* (pp. 117-122). Bielefeld: transcript.

ANEXO 1 – Quadro de operacionalização dos conceitos

	Conceitos	Dimensões	Indicadores
Variáveis Explicativas	Género		<ul style="list-style-type: none"> Sexo
	Fase de Desenvolvimento		<ul style="list-style-type: none"> Idade Ano de Escolaridade/ Ciclo
	Estatuto Socioeconómico	<p>Económica</p> <p>Cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> Profissão/escolaridade do pai Profissão/escolaridade da mãe Zona de residência
Variáveis Dependentes	“Nativos Digitais”	<p>Acesso</p> <p>Literacia</p>	<ul style="list-style-type: none"> Posse de telemóvel Tipo de posse Linguagem própria
	Práticas	Coordenação	<ul style="list-style-type: none"> Tipos de usos: <ul style="list-style-type: none"> Usos instrumentais Usos expressivos/relacionais
		Comportamental	<ul style="list-style-type: none"> Tempo de uso Local de uso Personalização do aparelho Interação com o grupo de pares
	Representações	Simbólica	<ul style="list-style-type: none"> Justificações da posse Importância do telemóvel Símbolo de <i>status</i> Autonomia e controlo parental

ANEXO 2 – Quadro síntese dos entrevistados

		Contexto Socioeconómico	
		Classes Populares	Classes Médias
		Pais pouco escolarizados ou com profissões manuais	Pais muito escolarizados ou com profissões intelectuais
1º Ciclo	Feminino	E1	E2
	Masculino	E3	E4
2º Ciclo	Feminino	E5	E6; E7
	Masculino	E8; E9	E10

ANEXO 3 - Guião das entrevistas

Sexo –

Idade/ Ano de Escolaridade –

Escola –

Local de residência –

Profissão do pai e da mãe –

Escolaridade do pai e da mãe -

PERGUNTAS INTRODUTÓRIAS

- O que é para ti o telemóvel? (potencialidades e riscos)
- Descreve como utilizas o telemóvel no teu dia-a-dia? (rotinas)

PRÁTICAS

- Tens telemóvel?
 - Que tipo de telemóvel?
 - Gostas do que tens ou querias outro? Qual? Porquê?
 - Antes de teres um telemóvel próprio costumavas usar o dos teus pais ou irmãos?
 - Em que situações/para quê?
- Todos os teus amigos têm telemóvel?
- Com que idade recebeste o primeiro telemóvel?
 - Quem o comprou?
- Para quem costumavas fazer mais chamadas?
 - E enviar SMS?
- Em que situações ou alturas do dia ligas aos teus pais através do telemóvel? Ou eles ligam para ti?
 - Que tipo de coisas falam através do telemóvel?
 - E para os amigos? Os motivos e os assuntos são os mesmos?
- Para além das chamadas e SMS, que outras coisas costumavas fazer com o telemóvel?
 - Jogos? Música? Fotografias/Vídeos? Internet ou redes sociais?
- O telemóvel anda sempre contigo?
 - Tens o hábito de trazer o telemóvel para a escola?
 - Em que alturas do dia costumavas usá-lo mais?

- Em casa ou na rua?
- Tens o telemóvel sempre ligado ou há situações em que o desligas?
 - Já aconteceu estares a dormir e atenderes o telemóvel ou receberes mensagens?
- Quem te ensinou a usar o telemóvel?
- Como escreves ao telemóvel?
 - Utilizas uma linguagem ou palavras diferentes das que utilizas com os teus pais ou na escola?
- O teu telemóvel está tal e qual como o comprastes ou fizeste algumas alterações?
 - Tem alguns adereços, capas, imagens de fundo ou toques que te identifiquem?

REGULAÇÃO, CONTROLO E AUTONOMIA

- Os teus pais controlam aquilo que fazes com o telemóvel?
 - Dizes aos teus pais o que fazes com este aparelho?
 - Como são pagas as despesas com o telemóvel?
 - Tens algum limite?
 - Sentes-te mais controlado pelo teu pai e a tua mãe?
- Já alguma vez recusaste uma chamada a alguém?
 - E deste alguma desculpa?
 - Recusaste alguma chamada do teu pai ou da tua mãe?
- Os teus pais impuseram algumas regras em relação ao uso desta tecnologia?
 - Há alguma situação em que estejas proibido de usar o telemóvel?
 - Os teus pais retiram-te o telemóvel durante as refeições? À noite? Ou quando estás a estudar?
- Os teus pais alguma vez utilizaram o telemóvel para te premiar ou castigar?
 - De que forma?
- Pensas que a utilização do telemóvel trouxe alterações na vida familiar?
 - De que formas?
- E na escola, há regras para o uso do telemóvel? Nas aulas? Nos intervalos?

REPRESENTAÇÕES

- Por que motivo é que te deram um telemóvel?
 - Foste tu que pediste aos teus pais?
 - Porque achas que precisavas/precisas deste aparelho?

- E os teus pais, acham que é útil teres telemóvel próprio?
- Quem escolheu o modelo do teu telemóvel?
 - Quais as funções mais importantes que um telemóvel tem que ter?
 - O que gostas mais no telemóvel?
 - E o que gostas menos?
- O que significa teres um telemóvel só teu, que podes usar a qualquer altura?
 - Qual a melhor coisa de teres o telemóvel contigo? E a pior?
- Achas que o telemóvel pode ser um acessório de moda?
- Aquilo que tens guardado no teu telemóvel é importante para ti?
 - Costumas mostrar coisas do teu telemóvel aos teus amigos? Que tipo de coisas? (Fotografias; músicas...)
- Alguma vez te sentiste ansioso por não teres o telemóvel ao pé de ti?
- Já utilizaste o telemóvel quando te sentiste sozinho?
- Se tivesses que escolher entre a internet/computador e o telemóvel, o que escolhias?
 - E entre a televisão e o telemóvel?
- Imaginas uma vida sem telemóvel?
 - Achas que estás dependente do telemóvel?
 - Tens algum amigo dependente do telemóvel?

ANEXO 4 - Grelhas de Análise das Entrevistas

			E1, Feminino, 10 anos, 1ºciclo, classes populares	E2, Feminino, 9 anos, 1ºciclo, classes médias	E3, Masculino, 9 anos, 1ºciclo, classes populares	E4, Masculino, 8 anos, 1ºciclo, classes médias	E5, Feminino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E6, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E7, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E8, Masculino, 11 anos, 2ºciclo, classes populares	E9, Masculino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E10, Masculino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	
PRÁTICAS	Posse de telemóvel	Desde que idade	9	6	8	7	9	-	10	6	6	7	
		Oferecido pelos pais											
		Escolhido pela criança											
		Herdado dos pais											
		Usava o dos pais											
		Todos os amigos têm											
	Tarefas	Fotografias/vídeos											
		Música											
		Jogos											
		Internet (pesquisas)											
		Redes Sociais											
		Outros											
	Tempo/ local de uso	Anda sempre contigo											
		Usa mais em casa											
		Usa mais na rua											
		Sempre ligado											
	Chamadas	(principalmente) Pais											
		Coordenação											
		Pedidos de autorização											
		Controlo parental											
		Afeto/preocupação											
	Mensagens	(principalmente) Amigos											

		Assuntos da escola										
		Jogos/entretenimento										
		Coordenação										
		Assuntos do cotidiano										
	Literacia	Linguagem própria										
		Aprende sozinho										
	Personalização	Imagem de fundo										
		Adereços										
		Capa										

			E1, Feminino, 10 anos, 1ºciclo, classes populares	E2, Feminino, 9 anos, 1ºciclo, classes médias	E3, Masculino, 9 anos, 1ºciclo, classes populares	E4, Masculino, 8 anos, 1ºciclo, classes médias	E5, Feminino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E6, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E7, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E8, Masculino, 11 anos, 2ºciclo, classes populares	E9, Masculino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E10, Masculino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	
REPRESENTAÇÕES	Justificações da posse	Telefonar em caso de emergência											
		Entretenimento											
		Amigos com telemóvel											
		Pedido pela criança											
	Funções + importantes	Comunicação											
		Internet											
		Jogos											
	Sentimentos associados à posse	Ansiedade											
		Companhia											
		Segurança											
		Responsabilidade											
		Liberdade											
		Privacidade											
	Riscos	Incómodo											
		Vírus											
		Visão											
		Dependência											
	Status	Roubo de identidade/hackers											
		Acessório de moda											
		O que tem guardado é importante											
Partilha	Uso exclusivo												
	Empresta o telemóvel												
	Mostra imagens, etc...												
	Internet												

	Relação com outros media	Computador										
		Televisão										
	Dependência	O próprio										
		Amigos										

			E1, Feminino, 10 anos, 1ºciclo, classes populares	E2, Feminino, 9 anos,1ºciclo, classes médias	E3, Masculino, 9 anos,1ºciclo, classes populares	E4, Masculino, 8 anos,1ºciclo, classes médias	E5, Feminino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E6, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E7, Feminino, 11 anos, 2ºciclo, classes médias	E8, Masculino, 11 anos, 2ºciclo, classes populares	E9, Masculino, 10 anos, 2ºciclo, classes populares	E10, Masculino, 11 anos,2ºciclo, classes médias	
AUTONOMIA E CONTROLO PARENTAL	Controlo	Os pais controlam											
		Conta aos pais											
		Limite de despesas											
		Maior controlo desde que tem telemóvel											
		Prémio											
		Castigo											
	Regulação	Horários											
		Redes Sociais											
		Outros											
	Autorregulação	À noite											
		Estudo											
		Refeições											
	Escola	Usa nas aulas											
		Usa nos intervalos											
		Não pode levar											
		Passa mais tempo a brincar com amigos											
		Passa mais tempo ao telemóvel											
Autonomia	Recusar chamadas a desconhecidos												
	Recusar chamadas a pessoas conhecidas												
Alterações na vida familiar	Menor interação dentro de casa												
	Familiares mais afastados												

Curriculum Vitae



Andreia Filipa Xavier Vaz

📍 Av. dos Combatentes, nº16 Bordinheira, 2565-836 Ventosa, Torres Vedras

📞 914560467 📠 261332044

✉️ andreia43_19@hotmail.com

Data de Nascimento: 01-08-1993

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

20 Junho 2016 –
20 Setembro 2016

Estágio extracurricular

Adagietto – Boutique de Comunicação, departamento de conteúdos

- Produção de conteúdos para a Revista Estante, da FNAC (formato impresso e digital)
- Produção de conteúdos para a Revista +VIDA, do Grupo José de Mello Saúde

26 Outubro 2015 –
26 Janeiro 2016

Estágio curricular integrado no mestrado

TVI – Direção de Informação, Editoria de Sociedade

- Contactos e agendamento de reportagens e entrevistas
- Realização de entrevistas
- Produção noticiosa (escrita de textos)
- Produção de peças jornalísticas televisivas

Junho / Julho 2013

Animadora de Campos de Férias

UPAJE, Lisboa

- Monitorização de crianças
- Organização e dinamização de atividades lúdicas e educativas

Curriculum Vitae

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

- 2015 – Presente Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação
Ramo de Media e Jornalismo
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa
Principais Unidades Curriculares:
Teorias em Média e Comunicação
Questões Contemporâneas da Comunicação e da Cultura
Práticas Discursivas
Geopolítica dos Média
Gestão dos Meios de Comunicação Social
Políticas Europeias para os Média
Literacia dos Novos Média
- 2011 – 2014 Licenciatura em Sociologia (classificação final 15 valores)
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa
Principais Unidades Curriculares:
Teorias Sociológicas
Análise de Dados em Ciências Sociais
Cultura e Sociedade
Métodos e Técnicas de Investigação
Sociologia da Ciência, Tecnologia e Inovação
Sociologia da Informação e das Redes
- Fevereiro /
Março 2013 Formação em Animação juvenil (Cursos CIAJ e CAAJ)
UPAJE, Lisboa
- 2011 12ºAno Línguas e Humanidades (classificação final 16 valores)
Escola Secundária Henriques Nogueira, Torres Vedras

Curriculum Vitae

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna Português

Outras línguas	COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
	Compreensão oral	Leitura	Interação oral	Produção oral	
Inglês	B2	B2	B1	B1	B1
	Preliminary English Test – PET, Level B1 University of Cambridge ESOL Examinations				
Francês	B1	B1	A2	A2	A2

Níveis: A1 e A2: Utilizador básico - B1 e B2: Utilizador independente - C1 e C2: Utilizador avançado

- Competências digitais**
- Bom domínio de *software* de estatística e análise de dados (SPSS)
 - Bom domínio das ferramentas do Microsoft Office (Word, Excel, Powerpoint e Publisher)
 - Bom domínio da plataforma digital Wordpress
 - Domínio de *software* de criação e difusão de conteúdos jornalísticos (iNEWS)
 - Utilização de *software* de edição de vídeo (Q-cut)
 - Fácil adaptação às novas tecnologias

AUTOAVALIAÇÃO				
Processamento de informação	Comunicação	Criação de conteúdos	Segurança	Resolução de problemas
Utilizador avançado				

- Competências de comunicação e organização**
- Boa capacidade de comunicação e exposição perante audiências
 - Boa capacidade de interação, cooperação e trabalho em grupo
 - Boa capacidade de organização e responsabilidade

- Outras competências**
- Formação em Dança de Salão (latinas e standard)
Escola de Dança Torres Vedras (10 anos)

Carta de Condução B, B1